

Memórias de
FLORESTAL



Organização
Alex Sandro Nogueira Silva
Leandro Gonçalves de Rezende

Os estudos que compõem a presente obra nasceram através bolsa BIC - Júnior/FECITEC/UFV/CNPq. O seu objetivo foi de despertar a vocação científica e incentivar os educandos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende a trabalharem as habilidades necessárias nas atividades de pesquisa científica. Dessa forma, conheceram a historicidade do município, salvaguardando as memórias que circulam na cidade de Florestal e propagando-as para as próximas gerações. Essa abordagem pedagógica possibilitou o desenvolvimento de uma consciência histórica, o fortalecimento da identidade cultural e o respeito à diversidade, preparando os estudantes para serem cidadãos ativos e participativos na sociedade.

Projetos de pesquisa
Escola Estadual Serafim Ribeiro
de Rezende - Florestal

Diretora

Sílvia Cristina Gonçalves de Rezende

Vice-Diretora

Natália de Lima Silva

Vice-Diretora

Virgínia de Cássia Silva Diniz

Vice-Diretor

Fernando Gelape Faleiro

MEMÓRIAS: PATRIMÔNIO
HISTÓRICO DA CIDADE

Orientador

Leandro Gonçalves de Rezende

Bolsistas

Adrian Miguel Rodrigues Ferreira

Bento Nogueira Valles Moreira

Bruno César dos Santos Rodrigues

Fabricio da Cruz Aleixo

MEMÓRIAS: UM CONTAR DO POVO

Orientador

Alex Sandro Nogueira Silva

Bolsistas

Bruna Silva Faria

Izamara Severina de Paula

Manuela Arantes Lira

Prisciele Souza Silva

Valentina Morales Mafra

MEMÓRIAS: O TECER DA CIDADE

Orientador

Alex Sandro Nogueira Silva

Bolsistas

Arthur Cesar Carvalho Souza

Bianca Aparecida de Souza

Daniel Rodrigues da Silva

Isabela Andrade Rosa Nascimento

João Gabriel Santos Lino

Memórias de
FLORESTAL



Organização
Alex Sandro Nogueira Silva
Leandro Gonçalves de Rezende

Florestal
2023

BOLSISTAS

Adrian Miguel Rodrigues Ferreira

Arthur Cesar Carvalho Souza

Bento Nogueira Valles Moreira

Bianca Aparecida de Souza

Bruna Silva Faria

Bruno César dos Santos Rodrigues

Daniel Rodrigues da Silva

Fabricio da Cruz Aleixo

Isabela Andrade Rosa Nascimento

Izamara Severina de Paula

João Gabriel Santos Lino

Manuela Arantes Lira

Prisciele Souza Silva

Valentina Morales Mafra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memórias de Florestal / Alex Sandro Nogueira Silva; Leandro Gonçalves de Rezende (org.). – Florestal: Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, 2023.
96f. : il.

ISBN: 978-65-00-83323-2

1. Memória. História. 2. Florestal. 3. Patrimônio histórico. 4. Memória. Aspectos sociais. 5. I. Título.

CDD – 981.51
CDU – 981.51

Sumário

Apresentação.....	7
-------------------	---

História da cidade

Um breve relato.....	13
----------------------	----

Memórias: patrimônio histórico da cidade

Patrimônio: as riquezas da cidade.....	19
A Igreja Matriz de São Sebastião e sua praça fronteira (Praça Torquato de Almeida).	30
O prédio da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende	34
Fazenda de Ribeirão do Ouro.....	37
Ipê Rosa da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende.....	42
Fazenda Cachoeira	44

Símbolos

Hino do município de Florestal	51
Bandeira do município de Florestal.....	52

Memórias: um contar do povo

Vivências da cidade	55
Raimundo Silveira	56
José Jacinto Silveira	59
Elaine Naime Rodrigues.....	62
Ana Lúcia Gonçalves	64

Memórias: o tecer da cidade

Tecendo histórias e memórias.....	69
Carlos Romeiro (Carlos Português).....	71
Jhoanes Rodrigues Pereira.....	74
Maria José Rodrigues Soares Nogueira (Neneca).....	76
Sirlene Rodrigues da Silva.....	80
Débora Siléria da Silva.....	82

Poesias

Arraiolos.....	87
Soneto do Arraiolo.....	88
Considerações Finais.....	89
Referências.....	91

APRESENTAÇÃO

Alex Sandro Nogueira Silva

Leandro Gonçalves de Rezende

O ano de 2023 foi muito profícuo para a Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, que foi contemplada com três bolsas de Iniciação Científica BIC - Júnior/FECITEC/UFV/CNPq. Tais bolsas são resultado da 8ª FECITEC - Feira de Ciências, Tecnologia, Educação e Cultura da Universidade Federal de Viçosa – Campus Florestal/MG, ocorrida em 2022, que premiou os estudantes de nossa escola. Os discentes, colaboradores na presente obra, sob a orientação dos professores Alex Sandro Nogueira Silva e Leandro Gonçalves de Rezende, receberam a bolsa de iniciação científica júnior, cujo objetivo foi despertar a vocação científica e incentivar os educandos do Ensino Fundamental, Médio e Profissional a trabalhar as habilidades necessárias nas atividades de pesquisa científica ou tecnológica.

Diante disso, o presente livro nasce mediante as discussões sob a égide do conceito de “Memórias”, ou seja, dos elementos que narram a historicidade de um povo, salvaguardando suas lembranças, tradições, patrimônios e culturas. A escolha e a definição mais específica do tema e, conseqüentemente, do projeto, não fora uma tarefa fácil, uma vez que os discentes tiveram que desmistificar o próprio conceito de Ciência. No entanto, mediante o processo de ensino-aprendizado os tabus foram quebrados e deram espaço para que essa linda obra pudesse ser criada.

O trabalho apresentado, fruto de diversas pesquisas, é um presente para a nossa Cidade, pois Florestal, no ano de 2023, completou

seus 60 anos de emancipação política. Já são 60 anos, repletos de histórias e memórias, que, em muito, mereciam um cuidado, um tratamento apurado de uma investigação científica e, porque não dizer, a eternização nas folhas da presente obra. O leitor atento perceberá que este livro representa um marco significativo em nossa jornada de preservação do patrimônio cultural local, sendo um testemunho valioso do rico passado e da identidade singular de nossa querida cidade de Florestal.

Aqui estão presentes três projetos distintos, mas que comungam da ideia de memória, e, juntos, concretizam essa obra. Trata-se de um esforço coletivo que envolveu discentes, docentes, moradores locais e, acima de tudo, o amor pela nossa terra. Este livro é mais do que uma simples compilação de fatos históricos; ele é uma celebração da nossa herança, um tributo àqueles que moldaram nosso passado e um guia para as gerações futuras entenderem e apreciarem a rica tapeçaria de eventos, culturas e personalidades que contribuíram para a formação de Florestal.

A primeira parte, denominada “Memórias: patrimônio histórico da cidade”, traz uma breve narrativa da história do município, buscando desenvolver os conceitos de memória, patrimônio, cultura e identidade. Também resgata dois dos principais símbolos de Florestal: seu hino e sua bandeira. Por fim, apresenta os principais patrimônios da cidade numa perspectiva dinâmica que engloba a comunidade local na salvaguarda de sua própria história.

Já a segunda parte intitulada “Memória: um contar do povo” reconta a historicidade da cidade de Florestal pelo viés da micro-história relatada pelos próprios cidadãos, desbravando por meio da história local as memórias e tradições que rodeiam os personagens ilustres da cidade, tornando-as eternizadas a partir do contar do povo.

Por fim, a terceira parte, intitulada de “Memória: o tecer da cidade”, corrobora que nesses 60 anos de histórias, a cidade deu seguimento à tradição portuguesa dos “Tapetes Arraiolo”, crescendo entorno dessa tradição.

A pesquisa é um marco na historicidade da humanidade. Com ela, pode-se chegar a respostas das dúvidas que nortearam todo um trabalho. Para fomentar os passos pela busca ao conhecimento e introduzir alguns discentes no campo da Iniciação Científica, surgiu essa oportunidade de orientarmos estudantes da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende – Florestal, nesse caminho. Não foi uma tarefa fácil, pois, não raras às vezes, tivemos que desmistificar o próprio conceito de Ciência. Como o passar do tempo obtivemos os resultados, pois alcançamos a compreensão dos alunos e colhemos os frutos das satisfações do aprendizado aqui ocasionado e adquirido por esse trabalho. Projetos com esses são de suprema importância no processo educacional, como é bom ter esse direcionamento já na Educação Básica, pois as experiências aqui vivenciadas vão ser direcionadas por toda uma vida!

Esse trabalho introduz o conceito de pesquisa na vida escolar, pois ele pôde ensinar aos educandos o que é uma Iniciação Científica; como é executada, desde o problema norteador até a conclusão. O resultado é fruto de um trabalho árduo, perpassado pela pesquisa, por um processo metodológico e por atividades de campo, na medida em que tangeram e teceram a ideia de memória. Memória é uma maneira de salvaguardar a tradição e perpetuá-la para as próximas gerações. Esse projeto teve esse cuidado de prevalecer as memórias dos cidadãos da bucólica cidade mineira de Florestal. Quanta sabedoria podemos extrair dessas páginas e quanta aprendizagem elas nos trazem.

A cidade de Florestal, situada na Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG, foi emancipada como município em 30 de dezembro

de 1962 pela Lei nº 2.764, anexo sob o número 261 da Lei Municipal da Câmara de Pará de Minas, Comarca a que era subordinada. A instalação do então município aconteceu no dia 1 de março de 1963. Desde então, já são 60 anos de municipalização; que a cidade completou em 2023. Nesse enredo, há uma historicidade municipal efetiva nas memórias, histórias e tradições que enaltecem as vivências dos florestalenses, as quais merecem um olhar e um contar dessas memórias tangidas pelos próprios cidadãos e pelos patrimônios que circulam a pequena cidade, para resgatar e valorizar as vivências do povo.

Além de sua importância histórica, este livro também serve como uma ferramenta educativa valiosa para nossos estudantes, permitindo que eles conheçam a fundo a história de sua comunidade e, assim, desenvolvam um profundo senso de identidade e pertencimento. Afinal, compreender o passado é essencial para construir um futuro sólido e comprometido com os valores que nos foram legados.

Através das páginas deste livro, vocês serão transportados em uma jornada no tempo, explorando os momentos cruciais e as narrativas humanas que deram forma à nossa cidade. Desde as origens modestas até o presente vibrante, cada capítulo oferece uma visão única de nossa cidade, enriquecida com fotografias antigas, documentos raros e depoimentos emocionantes de moradores que compartilham suas memórias pessoais. Gostaríamos de expressar nossa mais profunda gratidão a todos aqueles que contribuíram para a realização deste projeto, pois se trata de um testemunho da nossa determinação coletiva em preservar e promover o rico patrimônio cultural de Florestal.



HISTÓRIA DA CIDADE

UM BREVE RELATO

Florestal: um lugar de encontros, memórias e identidades; tais elementos constroem e reconstroem esta pequena cidade situada na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Hoje, além do centro urbano, a cidade também é complementada por comunidades rurais e povoados, que são distribuídas em 11 localidades, a saber: Cachoeira de Almas, Camarões, Gameleira, Marinheiro, Tapera, Ribeirão das Lajes, Natividade, Mata, Fazenda Velha, Facão e Ribeirão do Ouro.

A história do município se deu por volta do século XVIII, quando as terras da região recebiam intensa movimentação de bandeirantes paulistas que se dirigiam às Minas de Pitangui, aprisionando índios e desbravando matas e as áreas do percurso que acompanhava o Rio Paraopeba em busca pelo ouro das Minas Gerais, com esse intuito eles criavam trilhas e fundavam povoados.

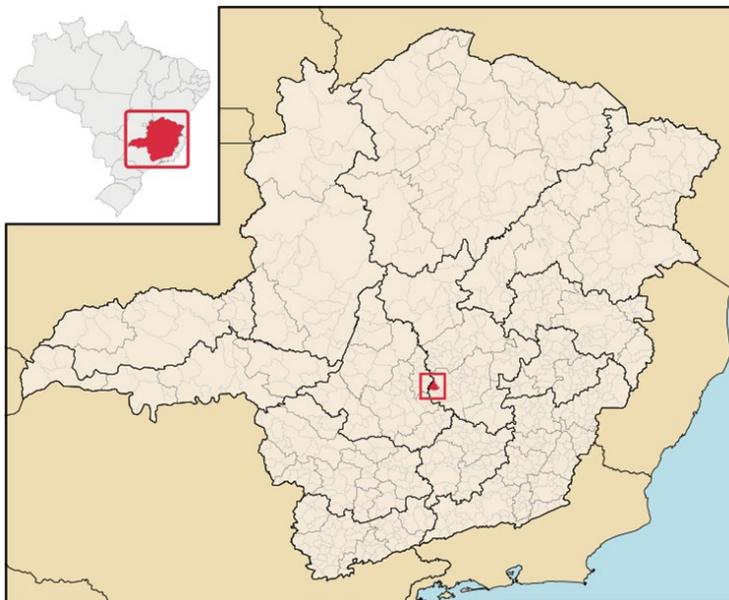


Figura 01: Localização da Cidade de Florestal. Fonte: Wikipedia.

Inicialmente, Florestal recebeu o nome de Guarda-Mor Salles, uma singela homenagem ao então tido como o primeiro morador e fundador, que por volta de 1845, chegou às localidades desconhecidas e inexploradas à esquerda do Rio Paraopeba. Tal povoado pertencia ao Distrito de Mateus Leme, que por sua vez pertencia ao Município e à Comarca de Pará de Minas, mas, por volta de 1911, o vilarejo de Guarda-Mor Salles foi elevado a Distrito que então recebe o nome e passa a se chamar Florestal, referência à existência de grandes florestas na região. Florestal recebe sua emancipação e se torna município em 30 de dezembro de 1962, mas a instalação como município ocorreu somente no dia 1º de março de 1963 tendo como primeiro Prefeito o Sr. Altino Duarte Marinho, que fora nomeado pelo Governador do Estado José Magalhães Pinto.

Os primeiros moradores, que iniciaram essa história, vieram em busca de melhores condições de vida, os quais foram ousados e valentes diante do novo que era muito inesperado, esses são: Guarda-Mor Salles, Elias Lopes, Joaquim Francisco Lopes (o Joaquim do Padre), Antônio Pedro, Francisco Luiz da Silva (Chico Marinheiro), a numerosa família Gonçalves Rios, Serafim Ribeiro, a família Francisco Rodrigues, João Pereira (Nego do Sr. Camilo), a família dos Caladinhos, a família do Sr. Antônio Delfino, Eliseu, Alfredo Andrade, Jovelino Faria e seus irmãos, Cristiano Ferreira de Melo, Fontenelle Alves Ferreira de Melo e Sérgio (pai de José Fuzarca).

O cenário político resguarda na memória dos florestalenses a figura ilustre de Benedito Valadares Ribeiro, Governador de Minas Gerais, que nasceu na Fazenda Machadão, hoje Fazenda Cachoeira, em 04 de dezembro de 1892. Benedito Valadares, como é mais conhecido popularmente, era filho de Domingos Justino Ribeiro e Antônia Valadares Ribeiro, ele formou-se em Odontologia em 1914, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), infelizmente não chegou a exercer a profissão. Pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, formou-se em Advocacia, obtendo o título de bacharel direito em 1920. Em 1922, iniciou-se a vida pública como Vereador e Prefeito Municipal de Pará de Minas, no ano de 1933 elegeu-se Deputado Nacional e em 1935 foi eleito o 18º Governador do Estado de Minas Gerais e governou o estado por 12 anos, por fim foi representante dos mineiros como Senador da República, de 1955 a 1971. Aos 81 anos de idade, no Rio de Janeiro, no dia 02 de março de 1973, o então célebre cidadão nascido nas terras florestalense, faleceu, deixando um marco não só das terras de Minas Gerais, mas na história política do povo brasileiro.

Um importante aspecto da identidade memorial de Florestal parte da economia, pois no início era totalmente agrícola, cujas primeiras

fazendas faziam suas riquezas através de grandes engenhos de cana-de-açúcar, com produções também de algodão, cachaça e cereais diversos, o ganho delas se dava pelo trabalho dos escravos e com a escoação dos produtos para os centros comerciais. No momento presente, as principais atividades econômicas se baseiam na criação de aves, ovos, pecuária leiteira e de corte, hortifrutigranjeiros, comércio varejista, pequenas indústrias e microempresas.

Um sinal que constrói a espiritualidade dos florestalenses ocorreu em 1941 quando então é erguida a Capela em honra a São Sebastião que logo depois se tornou Paróquia pelo bispo Dom Cristiano Frederico Portela de Araújo Pena. Os primeiros padres a trabalhar no território que compõem a paróquia foram os da congregação religiosa Sociedade de São Francisco de Sales (salesianos), depois foram substituídos em 1973 pela Ordem dos Frades Menores (franciscanos). O social é presente na vida do povo de Florestal, a cidade conta com a Vila Vicentina, uma obra de caridade destinada ao acolhimento de idosos.

Um eixo da produção e formação do saber é encontrado em Florestal, pois na cidade há a Universidade Federal de Viçosa – Campus Florestal. Originalmente a universidade foi fundada em abril de 1939 com o nome de Fazenda Escola de Florestal, pelo então governador e filho da terra Benedito Valadares, cujo objetivo era de formar e capacitar os fazendeiros. Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, esteve na cidade para a fundação da Fazenda Escola de Florestal. No ano de 1943, a escola fazenda passou a abrigar e oferecer o ensino primário e profissional-agrícola para menores. Com o passar dos anos em maio de 1948, ela trocou de nome para Escola Média de Agricultura (EMAF) e fora incorporada em 1955 à extinta Universidade Rural de Minas Gerais (Uremg) e em 1969 passou a pertencer à Universidade Federal

de Viçosa. Desde 2006, o *Campus* de Florestal vem atendendo a comunidade estudantil não somente com cursos técnicos, mas também a instituição passou a ofertar cursos de nível superior.

A cidade de Florestal, não obstante sua potencialidade, possui poucos bens tombados. De acordo com a *Lista de bens protegidos até exercício 2018*, publicada no site do IEPHA/MG, a cidade possui apenas três tombamentos em nível municipal: a antiga Usina Hidrelétrica de Florestal, bem imóvel, com características da arquitetura industrial da década de 1930 (tombada em 2005); as Turbinas da antiga Usina Hidrelétrica de Florestal, bem móvel; e o Conjunto Paisagístico Urbano e Natural do Distrito de Cachoeira de Almas, incluindo a Fazenda da Cachoeira, local de nascimento do Governador Benedito Valadares. No mais, nenhuma outra tradição, saber, ou bem material foi tombado, ou registrado.



Figura 02: Prédio da Antiga Usina Hidroelétrica. Década de 1930.
Foto Leandro Rezende.



**MEMÓRIAS:
PATRIMÔNIO HISTÓRICO
DA CIDADE**

PATRIMÔNIO: AS RIQUEZAS DA CIDADE

A humanidade sempre buscou mecanismos de se organizar socioculturalmente, de modo que, desde a Antiguidade até os dias atuais, as cidades surgiram como elemento básico das grandes civilizações e acompanharam as transformações da História. Em seu aspecto agregador, a cidade reuniu condições básicas da organização social e atualmente configura-se como legítimo patrimônio cultural de todos os povos.

O meio urbano concentra complexas atividades, bem como múltiplos olhares e usos, elaborando, dessa forma, um ambiente rico, no qual várias relações são estabelecidas, tanto no tempo quanto no espaço. A análise do processo histórico demonstra que tais configurações sociais são desenvolvidas nos usos dos espaços públicos, nas relações de poder e na territorialidade. Tudo isso fica comprovado na disposição das edificações dentro do arranjo urbano (BENEVOLO, 2015).

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2016),

[...] o patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo.

O patrimônio cultural de uma sociedade é fruto tanto de escolhas políticas quanto de escolhas pessoais, ou seja, daqueles bens que as pessoas consideram ser mais importante ou mais representativos da sua identidade, da sua história e da sua cultura. Logo, conclui-se que são os valores e os significados atribuídos pela comunidade a objetos, lugares, espaços ou práticas culturais que os tornam patrimônio de uma coletividade (ou patrimônio coletivo).

A cidade de Florestal, pequeno município do interior de Minas Gerais, constituiu, ao longo do tempo, um importante acervo patrimonial, tanto material quanto imaterial, que pôde ser observado e analisado enquanto referencial da pesquisa científica e da intervenção pedagógica a partir da comparação de fotos antigas, fotografias recentes e um acervo documental quando possível. O almejo de nossa pesquisa foi criar uma articulação pedagógica que associou o próprio conceito de patrimônio com os bens locais, revelando que os elementos culturais presentes no cotidiano configuram a identidade e a memória da população.

A prática docente parte da interessante dimensão humana, exposta por Eric Hobsbawm (1998, p.17), de que “todo ser humano tem consciência do passado”, de modo que, o passado é “uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana”. Dessa forma, conclui-se que preservar o passado é criar uma consciência do presente, numa dimensão identitária no tempo e no espaço.

Sendo o passado uma condição inerente ao homem, surge a vontade de resgatar vestígios, na capacidade de guardar lembranças.

Nesse sentido, como bem destacou Bloch (2001), o historiador no seu trabalho utiliza vários elementos para observar e interpretar a realidade de modo a buscar uma narrativa histórica sobre os acontecimentos ocorridos em determinados períodos e registrá-la para a posteridade. Logo, têm-se diferentes formas de se reaver o passado, abarcando diferentes elementos de memória que emergem, tanto dos grupos sociais quanto dos indivíduos.

A cidade de Florestal necessita de meios pelos quais seus habitantes possam se reconhecer enquanto elementos integrantes e estruturantes da sociedade, preservando as tradições culturais locais, interpostas como elos culturais entre as gerações. Jacques Le Goff (1990, p.473), em seu verbete “Memória”, nos lembra que

[há] os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações.

Dessa forma, as fotos antigas tornaram-se fontes históricas autênticas, proporcionando aos educandos o entendimento e a valorização dos bens culturais, a partir da análise de elementos simbólicos e identitários (BORGES, 2005, p.9). Como bem enfatizou Burke (2005, p.10), o que une os historiadores é “a preocupação com o simbólico e suas interpretações”, pois os símbolos permeiam, conscientemente ou não, toda a realidade humana. Assim, a História vai além das ideias contidas em análises econômicas ou políticas de um mesmo tema e ampliam-se ao interessar-se pelos aspectos culturais. É fundamental destacar que o uso do termo “cultura”, popularizou-se nos últimos tempos, sendo complicado defini-lo a partir de seus objetos de estudos.

Há uma pluralidade sem fim de aspectos culturais que são estudos, ampliando, sobremaneira, a temática da história cultural.

Ao falar em cultura e em patrimônio fica evidente uma faceta clara do ofício do historiador, bem destacada no texto de Márcia M. D’Alessio (2012): a íntima relação entre conhecimento histórico, o preservacionismo e a relação entre patrimônio, memória e identidade. O próprio termo utilizado, “patrimônio”, já carrega consigo a ideia de legado, de tesouro, de herança, de preservação, daquilo que passa de geração em geração. Corroboramos a ideia de Porfírio (2022) de que o

[...] termo patrimônio histórico cultural diz respeito a tudo aquilo que é produzido, material ou imaterialmente, pela cultura de determinada sociedade que, devido à sua importância cultural e científica em geral, deve ser preservado por representar uma riqueza cultural para a comunidade e para a humanidade.

Todavia, nem tudo tem o status de patrimônio. Ao reconhecer um patrimônio, uma comunidade imprime em algum objeto ou saber uma dimensão afetiva, ligada ao modo de ser e de viver, ou seja, à essência daquela comunidade e que por isso deve ser preservado. Contudo, essa preservação não é um congelamento no tempo. Ela precisa ser pensada no tempo e no espaço, historicizada, ou seja, significada historicamente, enquanto elemento de memória e de identidade e principalmente de usufruto da comunidade a qual pertence.

D’Alessio (2012, p.88) é categórica ao dizer que a “preservação depende de cada período histórico, de cada geração, de cada grupo social.” Assim, as recentes gerações não se reconhecem na cidade, o que é potencializado pela falta de uma educação patrimonial adequada.

O processo formativo formal se esquece da grande riqueza dos patrimônios locais, que são decorrentes de múltiplas memórias. Corroboramos a ideia apresentada por D'Alessio (2012, p. 79) ao afirmar que: “a prática de registro dos acontecimentos ou ausência dela revela o tipo de relação com o tempo desenvolvido por grupos ou sociedades”. O tombamento/registro ou o estudo de elementos importantes para a comunidade de Florestal, sem dúvida, seria significativo para sua formação identitária, legitimando os usos dos espaços públicos e as tradições locais.

O uso de fotos antigas como instrumento pedagógico foi uma estratégia docente muito eficaz para ensinar História, pois permitiu aos educandos uma imersão visual no passado e ajudou a despertar o interesse e a curiosidade sobre a cidade de Florestal e suas memórias. A experiência do ensino através dessas imagens históricas despertou nos educandos um profundo interesse pela história local e promoveu uma conexão emocional com o passado da comunidade. Essa abordagem proporcionou um ambiente de aprendizagem enriquecedor, no qual eles puderam explorar e compreender a importância do patrimônio cultural e do legado deixado por gerações anteriores.

Inicialmente, a ideia de patrimônio cultural foi debatida entre os pesquisadores, demarcando os elementos cotidianos da cidade de Florestal que se configuram nesse conceito. Em seguida, um conjunto de 70 fotos antigas da cidade foram angariadas, apresentadas e analisadas. Os pesquisadores observaram atentamente as fotos e descreveram detalhes como roupas, objetos, paisagens, construções arquitetônicas, arranjos urbanos, entre outros. Logo, se motivou um breve debate sobre o estilo de vida, as condições sociais e econômicas de cada época. Exemplificou-se, assim, a partir de elementos locais, o que seria tempo histórico e espaço geográfico.

Faz-se necessário destacar que as noções de tempo histórico e de temporalidade atravessam o Ensino de História em todos os anos do Ensino Fundamental, com um aprofundamento crescente na complexidade da abordagem de tais temas. Bitencourt (2011) já afirmava que o tempo histórico e a temporalidade são noções imprescindíveis para o ensino e a aprendizagem da história. Eles dialogam diretamente com outras definições igualmente importantes para a conformação de uma consciência histórica: o próprio conceito de História, a ideia de espaço e lugar, a concepção de sujeitos sociais e estruturas históricas.

Com efeito, em nosso tempo, a sociedade exige que uma resposta educacional seja dada, bem argumentada e que seja plausível à realidade, tanto de educandos quanto de professores, uma vez que o conhecimento histórico torna-se uma importante ferramenta política, que, quando bem utilizada, pode transformar a própria sociedade. O conhecimento histórico e sua correlação com a verdade, com a transformação social e a própria colocação dos sujeitos como construtores da História fazem dessa disciplina um importante mecanismo de conhecimento, ou seja, de produção de saber e por consequência de poder, haja vista que tudo e todos têm uma historicidade.

Pensar nos desafios da História na contemporaneidade é entender seu papel na construção da sociedade, na participação cidadã, crítica e consciente e no poder que tal conhecimento engendra, configurando espaços de disputa e de transformação sociocultural. A História, como toda e qualquer produção humana, é fruto de seu tempo, de modo a atender a finalidades e interesses específicos na sociedade, ou seja, ela é dependente das condições próprias de determinado tempo e local, bem como das perguntas postas e propostas pelos historiadores no tempo presente. Assim, percebe-se que dentre os desafios da prática docente,

o de fazer a História se tornar algo interessante para os educandos é uma árdua tarefa.

O passado não se conserva em sua totalidade! Deste modo, tanto forças sociais quanto os historiadores efetuam escolhas – conscientes ou não – no almejo de perpetuar um registro. “Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador” (LE GOFF, 2003, p.535). Monumentos são sinais do passado. Eles evocam, coletivamente, algo que precisa ser rememorado. Estruturalmente, o monumento se configura em elementos arquitetônicos, obras comemorativas, marcos funerários ou qualquer outro ato que traz um traço coletivo que precisa ser preservado. Por sua vez, os documentos são os testemunhos históricos selecionados pelo historiador como prova do passado.

Outrossim, em novas abordagens historiográficas, os monumentos tornam-se documentos para o historiador, na medida em que a noção de fonte histórica é ampliada. Lucien Febvre, em 1949, já afirmava que a “história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem” (*Apud* LE GOFF, Jacques, 2003, p.537). Logo, documentos, patrimônios e tradições recolhidos e reconhecidos pela memória coletiva, ao serem selecionados pelo historiador, transformam-se em monumentos. Há um jogo de poderes e de interesses que transformam o documento em monumento, pois todo documento é produzido num determinado contexto social, demarcando e registrando, de forma consciente ou não, elementos presentes no meio social que o produziu. Não há documento desvinculado com o ato e o momento de sua produção, pois ele usa das estruturas possíveis do tempo e da sociedade.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 2003, p.545).

Nesse sentido, os pesquisadores foram instigados sobre como tais conceitos se articulam no tempo e no espaço, de modo a fazerem análises comparativas entre as fotos antigas e a vivência diária e contemporânea, demarcando as diferenças e semelhanças, para entender as mudanças ocorridas ao longo do tempo e a refletir sobre o seu impacto histórico na cidade. As fotografias tornaram-se uma poderosa ferramenta como fonte histórica, que permitiu explorar e compreender o passado. Elas não apenas captam imagens estáticas, mas também carregam consigo uma riqueza de detalhes, emoções e contextos que podem ser analisados e interpretados na prática docente. A partir das imagens podemos elencar os principais patrimônios da cidade, criando uma preocupação patrimonial, e, acima de tudo, ocupando os espaços públicos, demarcando identidades e o sentimento de pertencimento, gerado a partir dos bens culturais locais.

O trabalho docente assegurou uma visão agregadora e autônoma dos educandos que se reconheceram como elemento dos patrimônios locais, revigorando eles identitários e afetivos. Da mesma forma, é preciso destacar que a intervenção pedagógica valorizou os saberes dos educandos, ou seja, a bagagem de conhecimento que eles trazem. Nesse sentido, corroboramos as palavras de Paulo Freire ao dizer que acredita na força das verdadeiras relações entre as pessoas para a soma de esforços no sentido da reinvenção das gentes e do mundo. E não

há como negar que a experiência dessas relações envolve, de um lado a curiosidade humana, centrada na própria prática relacional, de outro, a curiosidade alongando-se a outros campos. O envolvimento necessário da curiosidade humana gera, indiscutivelmente, achados que no fundo, são ora objetos cognoscíveis em processo de desvelamento, ora o próprio processo relacional, que abre possibilidades aos sujeitos da relação de produção de interconhecimentos (FREIRE, 2014, p.71).

Ao explorar imagens históricas, capazes de contar histórias silenciosas e ricas, a prática docente conseguiu envolver os educandos e a comunidade escolar em uma jornada emocionante pelo tempo, mergulhando na essência de uma comunidade e descobrindo o significado de pertencimento. Tem-se demonstrado, por meio de uma série de instrumentos de ação e de salvaguarda, que a política de preservação deve atuar na identificação e na realização das oportunidades que o patrimônio é capaz de oferecer para as comunidades, no sentido da valorização da cultura, do desenvolvimento social e na melhoria da qualidade de vida.

Esse diálogo, principalmente relacionado ao reconhecimento dos patrimônios imateriais, tem gerado sentimentos de pertencimento às comunidades, despertando memórias sentimentais, democratizando o campo da preservação do patrimônio cultural, bem como fundamentando a criação de significados sociais e culturais. Também a

[...] difusão de conhecimento sobre o patrimônio cultural começa a ser tratada pelo Iphan como ação estratégica, por seu potencial educativo e por ser um elemento de sensibilização da sociedade e de seus parceiros. (PORTA, 2012, p.75).

Por fim, percebemos que patrimônio deve ser pensado numa gestão mais ampla, organizada e socialmente engajada. Com efeito, a questão patrimonial sempre está imbricada em questões políticas, em interesses pessoais e públicos, na identificação, representação e na apropriação dos grupos sociais. O debate e o questionamento serão sempre bem-vindos na medida em que se alcance o entendimento para o bem-comum, salvaguardando o patrimônio cultural como um todo.

Corroboramos, assim, a ideia de Carlo Ginzburg (2010), ao afirmar que a memória é uma força extremamente plástica, que pode ser remodelada. Ela é ativa; não é neutra e está em constante construção. A memória é uma das possíveis relações com o passado, todavia, uma relação diferenciada da História, pois, no campo da Memória, tendo em vista as constantes reformulações, não é possível verificar e distinguir. No campo da História, ao contrário, sempre é possível questionar e verificar dados e elementos de memória.

Por serem narrativas do passado, História e Memória são ativas, dinâmicas e seletivas, uma vez que não é possível abarcar por completo os acontecimentos pretéritos. Nesse sentido, a História torna-se um conhecimento socialmente útil capaz de justificar e legitimar o presente, norteando escolhas e potencialidades do futuro. Além disso, a História tem uma grande potencialidade formativa, despertando o senso crítico na compreensão tanto do passado quanto do presente, possibilitando a participação consciente e cidadã nos processos sociais. Ela estabelece que as coisas não são dadas a priori, mas sim, são construídas, a partir da investigação, da análise de fontes, da crítica documental (entendendo que toda produção humana é um documento histórico). Por fim, a História também cria empatia, tanto no nível pessoal, de identidade e de pertencimento, sendo um meio de tolerância e de valorização

das diferenças; quanto no nível mais global na “compreensão de suas próprias raízes culturais e da herança comum” (PRATS, 2006, p.196).

A prática docente que incorpora História, Memória e Identidade Cultural, contextualizando tempo histórico e espaço geográfico é de extrema relevância para a formação dos educandos nos Ensino Fundamental, pois permite que eles compreendam o passado, valorizem suas raízes culturais e construam uma consciência histórica e identitária sólida.

A comparação de fotos antigas, documentos e relatos foi a oportunidade de trazer à tona eventos e elementos significativos do passado, possibilitando aos educandos uma compreensão mais profunda dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais que moldaram a comunidade de Florestal. Ao resgatar memórias coletivas e individuais, a intervenção pedagógica deu aos educandos meios para se conectarem com suas raízes, compreenderem suas origens e valorizarem a diversidade cultural presente em seu entorno.

Destarte, ao promover uma prática docente que integra História, Memória e Identidade Cultural, os pesquisadores reconhecerem e respeitarem a diversidade cultural presente na sociedade. Isso contribui para a formação de cidadãos conscientes, críticos e engajados, capazes de compreender a complexidade do mundo contemporâneo e de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Memória não é igual ao conceito de História. Como bem destaca Goulart (2017), memória e história têm um recorte bem comum: o corte entre presente e passado, que dá a humanidade a ideia de tempo, ou melhor, a “consciência de tempo”. Tanto a história quanto a memória servem-se do tempo nas construções que realizam, todavia os instrumentos intelectuais e os resultados que ambas produzem são

diferenciados. A memória não é uma atribuição acadêmica, mas sim, um atributo ou habilidade, que não parte de uma instrumentalização. Ela é “sujeita a falhas a indefinições ou constante reformulações” (GOULART, 2017).

Da mesma forma que a História, a memória também é uma composição narrativa (individual ou coletiva), que reconstrói e dá sentido ao passado. Essa reconstrução, não é uma simples lembrança, mas sim, configura-se em rememoração, efetivando e conferindo reconhecimento a um fato. Ao contrário, a construção histórica, enquanto uma ciência, utiliza-se de vestígios, incluindo nesse caso a memória, buscando a verificação e ao confronto de fontes. Assim, para além de meras lembranças ou esquecimentos, a História questiona a Memória, reformulando a construção do passado, a partir de questões-problemas, cruzando vestígios do corpo social que originou a própria memória, ou um conjunto de memórias (BARROS, 2009).

Os pesquisadores, ao longo do trabalho, foram questionados com as seguintes perguntas: Florestal tem História? Tem Patrimônios? Tem Memórias? Assim, de forma engajada, a partir das informações apresentadas na pesquisa, fez-se o levantamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade de Florestal. Nesse levantamento, foram considerados os seguintes patrimônios:

• **A Igreja Matriz de São Sebastião e sua praça fronteira** (Praça Torquato de Almeida).

A Igreja Matriz foi construída em 1941, por iniciativa do Vigário Hermenegildo Vilaça. Seu estilo corresponde a um neogótico simplificado, com arcos ogivais e torre central. A cidade, de fato, cresceu ao redor da igreja, sendo esse um ponto de referência social, cultural e religiosa. Da

mesma forma, a Praça da Matriz ou Praça Torquato de Almeida, com seu coreto, árvores e bancos é um ponto estratégico da cidade e um espaço de sociabilidade. É o lugar de encontro de todos: desde os jovens, em suas festas, até os idosos que jogam dama e baralho nas mesinhas. É um espaço público, constantemente utilizado. O projeto concluiu que a Igreja Matriz e sua praça têm papel importante na configuração da realidade local e reconheceram esse local como um espaço de sociabilidade e de encontro; símbolo da cidade, antes mesmo de sua fundação. Dessa forma, houve o levantamento de fontes históricas e iconográficas sobre a igreja, demonstrando que apesar de várias modificações no seu entorno, ela configura como um registro (monumento) de sua época, sendo apropriado de formas diversas pelos moradores, seja no culto religioso, seja na sociabilidade ou em festividades. Abaixo, algumas fotos, desde a construção:



Figura 03: Festividade em frente à Igreja Matriz de Florestal, na década de 1960.
Acervo da EESRR.



Figura 04: Foto antiga da Igreja Matriz de São Sebastião, em Florestal.
Fotógrafo desconhecido.



Figura 05: Desfile cívico em frente à Igreja Matriz, década de 1970.
Foto: Acervo da EESRR.



Figura 06: Igreja Matriz de Florestal, antes da revitalização da praça,
década de 2000. Acervo particular



Figura 07: Igreja Matriz de Florestal, 2022. Foto: Leandro Rezende.

• **O prédio da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende**

O Grupo Escolar Serafim Ribeiro foi criado pelo Decreto número 2.088, de 26 de abril de 1943, tendo como finalidade atender os alunos do distrito de Florestal de uma Escola primária, na gestão do Governador do Estado de Minas Gerais, Benedito Valadares Ribeiro, nato nessa região. Apesar da criação do Grupo Escolar ter sido em abril de 1943, sua instalação e funcionamento só aconteceu em 17 de julho de 1945. O Grupo Escolar foi assim nomeado em homenagem a um dos primeiros moradores de Florestal, o Juiz de Paz e amigo íntimo do governador Benedito Valadares, Serafim Ribeiro de Rezende, que havia falecido em 1939.

Como uma das mais antigas instituições de ensino da região, a escola tem uma longa história de excelência acadêmica, proporcionando aos seus alunos uma educação de qualidade e preparando-os para a vida universitária e profissional. Ao longo dos anos, muitos alunos se formaram na escola e seguiram carreiras de sucesso em diversas áreas.

É preciso ressaltar que a escola é um exemplo de dedicação e compromisso com a educação pública. Apesar dos desafios e dificuldades enfrentados ao longo dos anos, a Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende de Florestal tem sido capaz de oferecer uma educação de qualidade e formar cidadãos conscientes e preparados para o futuro.



Figura 08: Florestal. Porta da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, década de 1970. Foto sem autoria. Disponível em: @florestalrecordacoes.



Figura 09: Florestal. Porta da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, década de 1990. Foto sem autoria. Disponível em: @florestalrecordacoes.



Figura 10: Florestal. Porta da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, 2022. Foto: Leandro Rezende.

• Fazenda de Ribeirão do Ouro

Grande fazenda construída no século XVIII pelo Coronel João Alves, utilizando adobe e pau-a-pique. A fazenda, ao longo dos séculos XVIII e XIX, apresentou grande escravaria. Em termos arquitetônicos, ela possui uma singela capela, dedicada a Santo Antônio, cujo resplendor de ouro teria sido feito com o metal encontrado no Ribeirão das Lajes, denominando, dessa forma, toda a região. Provavelmente é o bem arquitetônico mais antigo de Florestal.

Interessante pesquisa documental em Jornais do século XIX mostra que em 1882 o Coronel João Alves Ferreira da Silva mandou publicar, reiteradas vezes, um anúncio de escravo fugido. No século XIX, os jornais desempenharam um papel fundamental na disseminação de informações e na formação da opinião pública no Brasil. Esse foi um período de grandes transformações políticas, sociais e culturais no país, e os jornais desempenharam um papel crucial na documentação e no acompanhamento dessas mudanças.





Figura 11: Fazenda de Ribeirão do Ouro, em 2010. Foto: Welliton Diniz.

Os anúncios de escravos fugidos no Brasil do século XIX são uma parte sombria e reveladora da história do país. Durante esse período, a escravidão era uma instituição profundamente enraizada na sociedade brasileira, e muitos escravizados buscavam a liberdade através da fuga. Os anúncios de escravos fugidos eram uma ferramenta usada pelos proprietários para tentar recuperar seus cativos.

Esses anúncios, publicados em jornais e afixados em locais públicos, descreviam detalhadamente os escravizados fugidos, incluindo características físicas, nomes, habilidades, e até mesmo comportamentos específicos. Os proprietários ofereciam recompensas pela captura dos fugitivos, tornando a busca pela liberdade uma atividade arriscada e perigosa para os escravizados.

Além de evidenciar a crueldade do sistema escravista, esses anúncios também revelam a resistência e a determinação dos escravizados

em busca da liberdade. Muitos fugitivos formavam comunidades quilombolas escondidas nas matas, onde tentavam viver livres da opressão. Essas histórias de fuga e resistência são testemunhos poderosos da luta pela liberdade em um período marcado pela injustiça e desigualdade.

No anúncio em questão, o Coronel João Alves, proprietário da Fazenda Ribeirão do Ouro, pertencente naquela época à Freguesia de Santo Antônio de Mateus Leme, reclama a posse do escrevo José Caboclo, jovem de 21 anos que havia fugido em março de 1882 e que talvez estivesse trabalhando no prolongamento da linha férrea. Haveria a recompensa de 200\$000 (duzentos mil reis) a quem desse alguma informação.

Para o historiador, uma página de jornal oitocentista representa muito mais do que um simples papel velho. É um horizonte aberto, pleno de possibilidades, rico em desafios; instigante e intrigante por natureza, na medida em que une diferentes cotidianos, temporal e culturalmente distantes.

O devir do tempo, sorrateiramente, configurou, dia após dia, realidades históricas distintas, marcadas por complexas relações e interações sociais, próprias de uma dada coletividade, com seus múltiplos códigos culturais, numa perspectiva dinâmica e historicamente construída pelos sujeitos sociais. Nesse sentido, feliz é o historiador que tem um olhar cultural, desnaturalizado, para com essas páginas de jornais, pois, em seu ofício, é capaz de dar testemunho do passado e ver ali as inúmeras diferenças entre aquele tempo e o nosso. Afinal, como ressaltou Peter Burke, “o historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar” (BURKE, 2008, p.8). Na próxima página podemos ver a página inteira do jornal e o detalhe do reclame.

CATALOGO DE VINHOS PUROS

A' VENDA
NO ARMAZEM DE
Carlos Gabriel Andrade
OURO PRETO
RUA DE TIRADENTES N. 3

PORTUGUEZES
 Realismos, velhos, especial de Porto Grande vinho de Caravelos, Aguardente do Reino legitimo. Duque, do Porto, Lere, fustino. Bostado, idem. Valto de Pena. Victoria, idem. Estremadura. Lisboa branco e tinto. Boccas, fustino. Alto Douro tinto especial. Vinho tinto superior. Madem Social fustino. Collares, superior. Bual, idem. Ribatejo.

FRANCEZES
 Grand vin Chateau Latour. Chamberlin, idem. Vermouth. Borgone Glos Yvegot. Chateau Margaux. Pontal Cast. Chateau Laroze. Chateau Gironoux. Haut Sauternes especial. Dito Isan. Saint-Emlion, idem. Dito Bebevelve. Saint-Julien, idem. Dito Lagrange Cabarus. Madaga, idem. Chateau Goutierne. Chablis, idem. Bivik.

CHAMPAGNE
 Veuve Clicquot Ponsardin. Carto branco dorad. Rochever Christal. Rose Moissenas.

ITALIANOS
 Capri Bianco. Greco Gerace. Dito Rosso. Siracusa. Leopardo Christ. Constantina. Diamante. Virgim de Parilhano. Marsala. Vermouth de Turin.

BRTES
CERVEZAS LIGES E GORDAS
 Cerveja preta, fustina. Cerveja clara, fustina. **BRANCO**
 Dito idem Cavallo. Lacer dos Benedictinos. Alambique branco e verde. Grande Hovr Charteuse. Orgao do Dublin. Dito Coropio. Dito legitimo Martell. Creme do Cognac. Dito de Jonzac. Rhum da Jamaica. Genes de Hollanda. Kummel. Especial em botija Vinho de cafi.

DOCES
 Caju. 2 Colaba. 2 Figa. 2 Uvas. Amarelo. 2 Marajo. 2 Poepo. 2 Cereja. Rainha Claudia. 2 Alacacha. 2 Frangoza. 2 Cooada. Amexica seiva de Oliva. Passa escolhidas, em caixa.

Pezes e outros legatins em conservas
 Camaron preparados. Lingua de Payandui. Sardinha. Fiambre. Lagosta. Flego de Ganzo. Ostraz. Puzé de Plavir. Mortadella. Linguica. Especial em botija Vinho de cafi.

ARTIGOS DIVERSOS
 Mostarda em pó (vidro). Cebolinhas (em vidro). Dita em massa, idem. Massa branca de Napoli para sopa. Anonimas, idem. Dita em massa. Dita amarela de Genova, idem. Massa de tomates, idem. Molho ingles para pezes e carnes. Assete dourado franco, refinado de Flegno. Queijo flamengo franco. Dito especial de Lisboa. Dito de Minas. Vinage branco franco. Sal refinado (em vidro). Dito tinto de Lisboa. Ditas de espermato legitimo. Biscoitos ingleses de Huntley Palmer. Ditas de carvão de pedra. Farninha de trigo de Trieste. Presento para fiambre. Mantega Dinamaquega de Porten. Qualquer café Hyson, vende-se 1000\$00. Dito idem tipo. A verdadeira Agua de Vioy.

FUMOS
 Fumo superior em paotes. Dito superior em rollo. **CIGARETOS SUPERIORES DE BARCENA**

LIBERAL MINEIRO.

Oratorio Diamantina.

Os abaixo assignados, ovrivos lineto povo anti-pretano que a partir de 1.º de Janeiro, futuro em dila abredito nesta capital, a rua de S. José, nas proximidades do Lyceo Mineiro, uma ben montada officina de ovrivos.

Execucao com pretenso e attido de qualquer trabalho conormento á sua arte, como seijo os ovrivos, prata e ouro, quantido ao melhor pontualidade e prego rasavavis. Encaregido de quaisquer concertos; vendem brillantes soltos e em obras, comprio ovrivo e em pé, ovrivo de dento ja encomendas, e bem assim previm os Srs. musicos e joalheiros, que incumbem-se de fazer obras de ouro, prata e oco em grande pontio. Ouro Preto, 26 de Dezembro de 1882. *Anto Marvila de Silva. João Carlos Ferreira Prado.*

Aviso

A quem administrava a lomadada de Nomes Seclora do Rosario do Alto da Cruz faz publico, que tem luga no dia 11 de Fevereiro vindouro, ás 4 horas da tarde, na respectiva pellicia, para os novos mto de mto, que lida de servir á mto, em S. Benho desde para o futuro anno 1884.

Ouro Preto, 15 de Janeiro de 1883.

O promotor *João Elydio dos Santos*

Acto Religioso

A quem administrava da direcao de Grande Barras e S. Antonio, ovrivos de Morte de mesmo nome, está exposto, para a publico, que lida de servir á mto, em S. Benho desde para o futuro anno 1884.

Ouro Preto, 15 de Janeiro de 1883.

O promotor *João Pedro Neto.*

200\$000

Flego da fazenda do Ribeiro do Ouro, fustino do Morro de Mathieu Leon, municipio do Pariz, ovrivos de Morte de mesmo nome, está exposto, para a publico, que lida de servir á mto, em S. Benho desde para o futuro anno 1884.

100\$000

Em 15 de maio do corrente ano, flego da Casa Branco, pertencente ao abaixo assignado, um oco de vicia Yonira, fustino de Morte de mesmo nome, está exposto, para a publico, que lida de servir á mto, em S. Benho desde para o futuro anno 1884.

100\$000

Em 15 de maio do corrente ano, flego da Casa Branco, pertencente ao abaixo assignado, um oco de vicia Yonira, fustino de Morte de mesmo nome, está exposto, para a publico, que lida de servir á mto, em S. Benho desde para o futuro anno 1884.

O ELIXIR ANTI-SYPHILITICO E ANTI-RHUMATICO.

Preparado de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros.

AUTORIZADO POR DECRETO IMPERIAL DE 25 DE AGOSTO DE 1882.

DEPOIS DE QUATRO ANOS DE SUA FUNDACAO CENTRAL DE HYGIENE PUBLICA.

E de grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

DECRETO IMPERIAL QUE AUTORIZA A VENDA.

Sua Magestade o Imperador, attendido ao que representa o pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, para a venda do seu elixir anti-siphilite e anti-rhumatico—da sua invencao. Palacio do Rio de Janeiro, aos 25 de Agosto de 1882.—*João Leão Veloso.*

ATTESTADOS

João Serafim Moreira da Silva, capitaneo da esquadra de Minas, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

Tristão do Carvalho, doutor em medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, autor de medicina pela faculdade de Rio de Janeiro, inspector da massa publica da provincia de Minas Geraes. Attesto sob a fé de meu grau de presidente de pharmaceutico Claudio Beneditino de Castro Monteiro de Barros, que o elixir anti-siphilite e anti-rhumatico e a sua applicação applicação lida e grande utilidade nos casos de siphilite, chancras, duritas, barias, escaras, gonorreia e barias doptas que lida por origem a siphilite, a quem propozição sio confidada para attenção dila.

Ouro Preto, 24 de Junho de 1882. *Dr. José Serafim Moreira da Silva.*

ASSIGNAÇÃO
 N.º 10
 de
 Pagamento
 N.º 10

O
 de
 Mto
 que
 A
 cione

Figura 12: Página do Jornal Liberal Mineiro de 1882.
 Fonte: Biblioteca Nacional.

200\$000

Fugio da fazenda do Ribeirão do Ouro, freguezia do Morro de Matheus Leme, municipio do Pará, o escravo José, conhecido por José Caboclo, pardo escuro, cabellos pretos e bem corridos, nariz regular, com falta de um dente na frente, pescoço grosso, estatura menos que regular, com 21 annos de idade, não tem signal algum de castigo, toca viola e gosta de dansar, é natural do municipio do Pará, do lugar denominado Matta do Cego, foi comprado, ha menos de um anno, á viuva e herdeiros de Reginaldo de tal.

a. Já fugio uma vez e foi encontrado indo para os lados da Confusão, e ultimamente fugio nos fins de Março do corrente anno.

s. Desconfia-se que esteja nos trabalhos do prolongamento da estrada de ferro. Quem o apprehender e levar á fazenda do Ribeirão do Ouro receberá do abaixo assignado a gratificação de 200\$000, e se o pozer em qualquer cadea da provincia, receberá 100\$000. Protesta-se usar de todo o rigor da lei contra quem o acoutar.

Fazenda do Ribeirão do Ouro, 28 de Dezembro de 1882.

JOÃO ALVES FERREIRA DA SILVA.

Figura 13: Detalhe da página do Jornal *Liberal Mineiro* de 1882.

Fonte: Biblioteca Nacional.

• **Ipê Rosa da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende**

Também foi levantada como possível patrimônio da cidade a árvore de Ipê Rosa plantada ao lado da escola. Pelos dados orais coletados pelos alunos, a árvore foi plantada na década de 1960 pelos estudantes do grupo escolar, em comemoração pelo dia da árvore (21 de setembro). O projeto colheu informações orais e fez o levantamento iconográfico da árvore, em diferentes décadas e em diferentes estações do ano. A cada inverno, nos meses de junho e julho, a árvore presenteia toda a cidade com uma linda e robusta floração.



Figura 14: Vista da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, década de 1960. É possível reconhecer o Ipê Roxo ainda jovem. Foto: Acervo da EESRR.



Figura 15: Vista da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, no inverno de 1999. Foto: Acervo da EESRR.



Figura 16: Vista da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, primavera de 2007 - Foto: Acervo da EESRR.



Figura 17: Vista da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, no inverno de 2010 - Foto: Leandro Rezende.

•Fazenda Cachoeira

No contexto do “Ciclo do Ouro”, a Fazenda Cachoeira contribuiu como um elo entre Itatiaiuçú, Mateus Leme e Pitangui, seguindo obrigatoriamente o trajeto das bandeiras, pelos desbravadores oriundos de São Paulo, com o intuito de explorar o ouro das referidas regiões. Construída no ano de 1817, pelos escravos, conserva características do passado colonial. Sua vocação inicial era ser grande produtora de leite, café e algodão. Berço de nascimento do ilustre mineiro que despontou na política nacional, Benedito Valadares. Serviu como cenário para a produção do filme: “Condenada por um desejo”, com o ator Tony Vieira, na década de 80. Atualmente, preserva características, valorizando o contexto histórico-cultural mineiro. Sua sede obedece ao característico

estilo barroco, um enorme casarão com 936 m² de área construída em madeira, barro e pedra; doze quartos, com seus respectivos banheiros; um amplo salão de visitas; um salão de jantar; refeitório ao estilo das grandes casas mineiras; uma cozinha, com uma despensa; em seu interior grande acervo de um mobiliário colonial, que revela um ambiente agradável de uma casa rural mineira.





Figura 18: Fazenda da Cachoeira, local de nascimento de Benedito Valadares.
Foto: Welliton Diniz.

Luana Leal (2012, p.1) é enfática ao afirmar que “a Memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado”. Porém, o conceito de Memória é muito mais abrangente, e, como bem demonstrou o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945), ele sobrepuja uma dimensão que é puramente individual para se constituir como um fato social, construído pelos grupos sociais. “As memórias de um indivíduo nunca são só suas e nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade” (LEAL, 2012, p.1).

Nesse sentido, a memória individual seria a capacidade de lembrar um fato passado, relatando-o e guardando-o. Num caráter psicológico, a memória individual é a pura faculdade de armazenamento de informação. Logo, percebemos que a memória individual está na

relação entre um evento passado e a capacidade que os indivíduos têm de resgatar a informação de tal acontecimento, dando-lhe um testemunho. No entanto, nenhum indivíduo está isolado socialmente. Na convivência social e nas relações estabelecidas em grupos, os testemunhos individuais transformam-se em memória coletiva, na medida em que usam dos quadros sociais que compõem a memória.

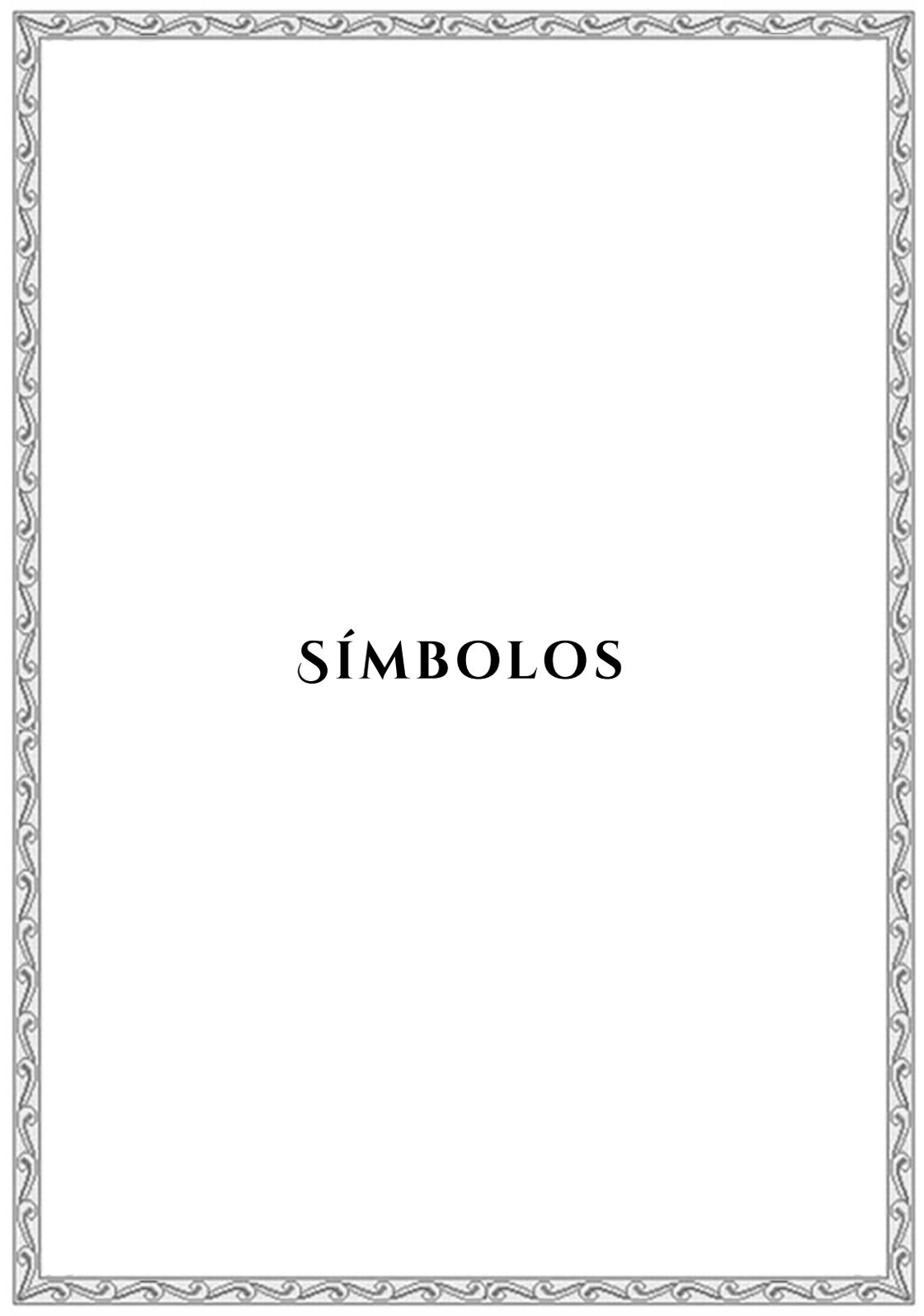
O conceito de memória coletiva para Maurice Halbwachs (2006), numa abordagem claramente durkheimiana, ultrapassa a noção de um simples fenômeno individual para um plano sociológico, no qual os fatos sociais são construídos e transmitidos coletivamente. As memórias de um indivíduo nunca são somente suas, de modo que “nós nunca nos lembramos sozinhos, como também o fato de que a memória se esvai quando nos afastamos do grupo que estava a ela ligado” (CASADEI, 2010, p.155). A memória é uma construção do grupo social e utiliza-se de elementos configurados no interior dos mesmos (como as ideias, a linguagem ou as palavras). Dessa forma, são os grupos sociais que “determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada.” (LEAL, 2012, p.1). As memórias coletivas são produtos de grupos sociais, de modo que “relação entre o testemunho do “eu” e o testemunho do “outro” deve ser harmoniosa no sentido de que ambos devem se entender como fazendo parte de um mesmo grupo e o evento vivido e recordado deve ser comum aos membros desse grupo” (LEAL, 2012, p.3). Nas palavras de Halbwachs (2006, p.30), “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”.

Icles Rodrigues (2017) argumenta que o conceito de memória coletiva tem como ponto chave a noção quadro social, que marcam as

sociedades, ou seja, suas representações, seus valores, a sua moral, etc. Logo, só podemos lembrar quando recuperamos os acontecimentos passados diante dos marcos sociais estabelecidos. Maurice Halbwachs entende a memória coletiva como um fenômeno que surge da interação social, uma vez que sempre há representações coletivas do mundo, tanto no presente quanto no passado. Dessa forma, eventos e experiências lembrados são frutos das interações coletivas, havendo uma transposição de uma lembrança individual para uma lembrança coletiva, fundada nos contextos e interações sociais. Percebemos que a memória coletiva corresponde à memória de um grupo, bem como a cada componente desse grupo, que com ela se identifica. “O grupo é portador da memória e esta é consensualizada mediante as relações que se estabelecem dentro do próprio grupo” (LEAL, 2012, p.4). A memória coletiva é, portanto, a confluência das relações que as lembranças individuais estabelecem enquanto integrantes de um grupo. Nas palavras de Halbwachs (2006, p.69) “diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupa e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”.

Assim, a memória não é puramente um discurso elaborado sobre o passado a partir de uma lembrança individual, mas sim um elemento ancorado na vivência coletiva, que, de forma harmoniosa, cria uma base comum para o grupo social. “A constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência” (LEAL, 2012, p.3). Percebemos que a memória personifica elementos do passado, compartilhando memórias coletivas. Segundo Barros (2009, p.41), a memória coletiva “se refere não apenas a esse processo de registro de acontecimentos pela experiência humana, como também à construção de referenciais

sobre o passado e sobre o presente de diferentes grupos sociais e sob a perspectiva de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente associados a mudanças culturais”. A memória é coletiva e está relacionada a um grupo social, na medida em que essa narrativa do passado cria sentimentos de coerência e de continuidade, de pertencimento e de permanência sem, todavia, anular ou descaracterizar o próprio indivíduo.



SÍMBOLOS

Hino do município de Florestal

Letra de Israel Marques de Oliveira

Melodia de Marcos M. de Oliveira

Florestal, terra de um povo humilde e trabalhador
Anda com passos firmes, rumo a um futuro promissor
És casa de um povo acolhedor

És nosso solo
És nossa terra
És nosso amanhã

És uma estrela que brilha no céu de Minas Gerais
És nossa cultura
És nossa história
Não te esqueceremos jamais

És verde por natureza
Envolta em cantos, vida e beleza
Montes, montanhas, trilhas e florestas
Vivem em harmonia fauna e flora
Encanto belo e natural
Enaltecem nossa história
Oh Florestal

És nosso solo
És nossa terra
És nosso amanhã

És uma estrela que brilha no céu de Minas Gerais
És nossa cultura
És nossa história
Não te esqueceremos jamais

Bandeira do município de Florestal



De acordo com o livro *Bandeira de Minas*, organizado por Airton Geraldo Guimarães e José Eustáquio Oliveira de Souza, a bandeira de Florestal foi criada pela Lei no 306, de 19 de dezembro de 1984, assinada pelo prefeito Manoel Gonçalves de Andrade, a bandeira de Florestal vem terciada nos tons de branco, verde, amarelo e azul, alternadamente.

O campo da bandeira constitui-se de três partes, na seguinte disposição: duas partes verdes situadas nos dois extremos da direita e da esquerda, respectivamente; o branco destaca-se ao centro, contendo dois módulos a mais em sua largura, propiciando, destarte, a colocação do brasão municipal ao centro. Com o predomínio das tonalidades branca e verde, estas passam a constituir as cores oficiais do município.

O brasão, por sua vez, apresenta a seguinte interpretação heráldica:

- O escudo semântico lembra as origens da vasa latina e representa o símbolo da soberania que aqui oferece características peculiares ao município, com particularidades que o adornam e o constitui judicialmente.
- Dividido em três partes distintas, em sua parte superior uma montanha verdejante, coberta de árvores frondosas, as de origem em seu aspecto natural, que nomeia a cidade.
- Na parte divisionária inferior, do escudo, vê-se, em campo amarelo, a figura simbólica de um livro aberto, o qual encontra uma pena o, representa a tradição cultural e intelectual da cidade, que se faz conhecida além das fronteiras de Minas Gerais, pela Escola de Agricultura, a Central de Ensino de Desenvolvimento de Florestal.
- Ao lado direito do escudo, paralelo ao campo amarelo descrito, encontra-se a figura da cabeça bovina, situada em campo verde, simbolizando a vocação agrária da cidade.
- Nas laterais do escudo, em externa, direita e esquerda, duas hastes de e arroz, frutificadas, sob a base do escudo vê-se, em campo azul, com amarelas, e a lista com a data da emancipação política e administrativa do município.



**MEMÓRIAS:
UM CONTAR
DO POVO**

VIVÊNCIAS DA CIDADE

A singela cidade de Florestal, em 2023, completou seus 60 anos de municipalização. Nesses 60 anos de município, há uma historicidade municipal efetiva nas memórias, histórica e tradições que enaltecem às vivências dos florestalenses. Para fazermos os resgates de algumas lembranças ou fatos que circundam os moradores dessa cidade partimos para a metodologia ocasionada pela micro-história, a qual leva em consideração fontes e narrativas alternativas. Isto é, ela considera não apenas as mudanças macroeconômicas e políticas que percorreram determinados períodos (épocas). Logo, a micro-história está interligada a aspectos do cotidiano, subjetividades, representações e linguagens, estes que ajudam a contar (narrar) um determinado tempo histórico.

A micro-história é uma abordagem historiográfica que se concentra em estudar eventos, indivíduos ou fenômenos históricos de forma minuciosa e detalhada, muitas vezes em um contexto local ou específico. Em contraste com a história tradicional, que muitas vezes se concentra em narrativas amplas e eventos de grande escala, a micro-história procura extrair significado e compreensão a partir de histórias aparentemente pequenas e aparentemente insignificantes.

Essa abordagem busca examinar as vidas e experiências de pessoas comuns, bem como eventos que podem passar despercebidos em narrativas históricas convencionais. Ela valoriza a análise detalhada de documentos, registros, diários, cartas, relatos e outros vestígios históricos para reconstruir a história a partir de baixo, ou seja, do ponto de vista das pessoas comuns e de suas experiências cotidianas. A micro-história também se preocupa em destacar as complexidades, ambiguidades e particularidades das histórias individuais, em vez de generalizações amplas.

A micro-história ganhou destaque na historiografia a partir da década de 1970, com historiadores como Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, que desenvolveram métodos de pesquisa que se concentravam em detalhes aparentemente insignificantes para entender aspectos mais amplos da história social, cultural e política. Essa abordagem tem sido valiosa para a compreensão de questões históricas complexas e para a revelação de aspectos da vida cotidiana que podem ser negligenciados em narrativas históricas convencionais.

Diante disto, vamos perpassar pela micro-história diante da linguagem, ou seja, das narrativas ocasionadas pelas memórias, onde reconstituiremos um pouco da cidade de Florestal por outro viés. O viés do contar dos próprios cidadãos, resgatando e valorizando as vivências do povo.

RAIMUNDO SILVEIRA

Raimundo Silveira é o morador da pacata cidade de Florestal, sendo ele o mais velho, pois já tem seus 100 anos de existência, nasceu

em 25 de novembro de 1922. Filho de Rosa Maria da Conceição e, em homenagem a ela, sua residência está repleta de rosas, seu pai era Lucas Silveira, daí vemos o apelido que Raimundo Silveira ganhou que é Raimundo Lucas. Raimundo Lucas nasceu em Pará de Minas, mas chegou às terras florestalenses ainda bebê, não tinha nem um ano de vida, e viu o município percorrer toda sua trajetória até se formar a cidade que é hoje. Foi de seu pai que herdou o ofício que tem tamanho apreço, um trabalho manual e artesanal, a sapataria. Raimundo Silveira ou melhor, Raimundo Lucas, como é conhecido pelos cidadãos dessa singela cidade, salvaguarda em suas memórias rudimentar os verdadeiros tecerem do contar do povo gerado pelas vivências no município.

Raimundo Lucas diz que “antigamente a CEDAF, chamava-se fazenda do Estado, e uma região chamada de vale de areia tinha uma mina de cristais, que o governo mandou enterrar, pois ela estava dando muita briga, por aqueles cristais preciosos. Devido a isto, estavam vindo muitas pessoas atrás dos cristais e o governo mandou fechar, enterrou tudo.” Como ele ajudava nos afazeres de casa, e no bar da madrastra, o qual estava situado em uma região bem localizada da cidade naquele tempo antigo, ou seja, estava perto da principal rua do município “os caminhoneiros passavam e eu servia o café para eles, pois a frota de caminhoneiros transportavam o carvão”.

Há mais de 50, anos seu Raimundo foi o principal locutor de Florestal, ele anunciava à população e deixava a todos informados das principais notícias da cidade. Seu jargão de iniciar a narração era sempre o mesmo, e deixou sua marca com o seguinte dizer “está no ar, o serviço de som, da paróquia de São Sebastião de Florestal” e daí continuava a notícia. No ramo da política seu Raimundo não quis adentrar, mas conheceu figuras ilustres como Benedito Valadares, esse que é filho da terra, mas que se destacou na política e foi governador de

Minas Gerais. Quando o governador veio à cidade e inaugurou a “usina hidrelétrica que mantinha o município como outros povoados com a eletricidade tive a oportunidade de conhecê-lo”. Na usina hidrelétrica de Florestal, Raimundo Lucas foi um dos funcionários, chegando a se aposentar nesse ofício.

Ele contou que a principal atividade econômica da cidade se dava pela lavoura “homem e mulher, todos pegavam na enxada e trabalhavam muito”. A cidade era lotada de criação “de porcos soltos e para criá-los nós dávamos eles, inhame, o mais curioso que todos sabiam qual porco era seu”. Uma das memórias que ele celebra foi a construção da Igreja Católica, a Matriz de São Sebastião, pois para ele “foi uma coisa muito linda, que a cidade inteira se uniu, mas sabe, os principais responsáveis mesmo foi meu pai e o Domingo Serafim. Foi muito difícil, mas graças a Deus, as pessoas participavam e faziam as festas e também contribuía”. Ele relatou que ocorreu um acontecimento inusitado, pois tiveram que refazer a torre da Igreja “pois a torre ficou torta, e a cruz estava em tempo de quebrar e cair lá de cima na cabeça de uma pessoa e machucar, mas hoje está aí nossa Igreja, bonita, graças a Deus.”

Ele também recordou a construção do campo de futebol na cidade, pois foi tudo à base dos braços e dos animais “tínhamos que puxar a terra, era tudo com o carro de boi, tudo com a ajuda dos animais, e hoje tudo se faz com máquinas”. Também conta que quando eles tinham que ir a Pará de Minas iam “a pé, a cavalo ou nos carros de boi, mas só quem tinha dinheiro, pois a maioria ia a pé mesmo.”

Raimundo Lucas contou muitas de suas experiências vivenciadas nessas terras florestalenses, como essas experiências são um memorando de teceres que revigora as nossas existências e faz ressaltar a saudade.

JOSÉ JACINTO SILVEIRA

José Jacinto Silveira, exímio cidadão florestalenses, filho de José Jacinto da Silva e Maria José da Silveira, mais conhecido por Moranga, apelido que recebera de um colega dos tempos (ainda criança) quando morava na roça, devido ter a pele roseada. Ele conta que nunca se importou com o apelido. Moranga, homem simples, trabalhador e religioso, acabou de completar 80 anos de vida no último dia 27 de março de 2023, nasceu na fazenda que na época pertencia a Miguel Silveira, seu avô, hoje região da comunidade do Ribeirão das Lajes, conta que “lá era um lugarzinho muito bom, mas meu avô faleceu, foi preciso vender a fazenda, as terras eram igual coração de mãe, sempre cabia mais um. Os filhos quase todos moravam lá, minha família morava lá também, era um lugar muito bom, agora hoje a gente sente saudades”. Saudade é uma marca registrada dos cidadãos dessa cidade, um lugar que começou com o desbravamento do ouro nas terras de Pitangui. Moranga, contou que o nome de Florestal é devido ao cheiro das flores dos campos de plantação de café que tinha na região, o cheiro era algo extraordinário e um dia quando alguns estavam decidindo o nome da cidade, eles estavam no local que é hoje conhecido como “Alto do Cruzeiro” esses puderam sentir o cheiro das flores que preenchiam os ares do município, daí veio o nome da singela cidade.

O senhor José Jacinto, casado com Nilceia Oliveira Moreira da Silveira, nos contou que é pai de dois filhos: Thiago e Tadeu, perguntado os motivos dos nomes temos a resposta: “sempre simpatizei com nomes bíblicos” e nos contou que a netinha Aurora está para chegar neste ano. As memórias que Moranga guarda são tantas que escolhemos algumas

para abrilhantar esse trabalho. Ele recorda de alguns fatos que na sua concepção é até uma piada, pois quando o primeiro prefeito da cidade foi eleito pelo povo, ele conseguiu trazer a eletricidade para a vila e no dia da sua inauguração, que aconteceu às portas da Paróquia, chegando a hora da palavra do prefeito, coitado, ele era assim “analfabeto de tudo”, falou assim: “oh gente, é a maior alegria que eu tenho de ter dado à luz mais bonita para Florestal” quem “dá à luz é mulher”.

Havia um delegado chamado José Patrício, mas todos o conheciam como José Ramiro, ele tinha um modo de falar: “se abusar comigo eu meto fogo mesmo”. Certa vez, começou uma briga de rapazes na praça e o “trem estava pegando fogo”, e um dos rapazes era sobrinho do delegado, um sujeito que gostava muito de soltar bombinhas. Para apartar a briga, Ramiro deu alguns tiros para o alto, e seu sobrinho soltou uma bombinha na valeta assustando a todos, nesse instante voou cascalho para todos os lados e o delegado pensou que algum dos rapazes estava armado e que algum projétil tinha o acertado acertando sua barriga e assim ele gritou: “Senhor do Bom Jesus, ajude aqui que minhas tripas tá saindo; gente, minhas tripas tá saindo”, “estava saindo nada, era cisma dele”.

Naquela época havia o “fut”, futebol? Não, fut é o passeio das moças. Era o momento de os rapazes cortejarem as moças das cidades, todos “os sábados e domingos nós saímos lá da roça para termos esse momento”. Fazia aquela fila de rapazes de um lado e do outro, para ver as moças passarem. Um fato icônico que naquela época o trânsito da BR 262 passava todo aqui dentro de Florestal e devido ao fut, que atrapalhava a circulação dos veículos, os motoristas passavam raiva e “xingavam cada palavrão, buzonavam para as moças saírem e elas faziam a maior hora, então tudo isso são coisas que a gente recorda”. Até os alunos da EMAF, hoje CEDAF tinham esse costume de participar do fut.

Moranga fez seus estudos na cidade, na Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, “eu consegui meu quarto ano aqui duas vezes, porque quando eu era mais novo, consegui um diploma com a nota 8, com 28 anos, resolvi estudar mais e renovar o quarto ano, para ver como as matérias tinham modificado, queria aprofundar mais, não melhorei nem piorei, peguei outro diploma com nota 8, e acontece, que eu fiz de novo esse quarto ano, para eu tentar estudar na EMAF, tive dificuldade na matemática, pois antigamente era aritmética”. Desse tempo recordo das professoras: Dona Irene Rodrigues, tia da Virgínia, Dona Carmelita, Maria Petochina e Dona Mariana ambas de Pará de Minas.

No campo da religião, Moranga é um muito religioso, é confrade, ou melhor, membro da Sociedade de São Vicente de Paulo e ministro extraordinário da Comunhão. Ele recorda da festa que havia em Florestal, mas algumas delas deixaram de existir com o passar do tempo, acontecia “festa do mês de Maria” coroação, quando chegava no final do mês, era o dia 30, era de responsabilidade dos rapazes, eles eram juízes e o dia 31 eram das moças, os juízes eram “responsáveis por levar leilões, gente, mas aquilo dava um movimento, o mês inteiro tinha festa de coroação, festa do mês de maio, era muito bacana”. Antigamente, sobre as festas de São Vicente e São Sebastião, existiam também, cercadinho, uma espécie de cadeia e as moças, tinha um lacinho de fita que colocavam, e tinha que pagar tantos cruzeiros para retirar o rapaz de lá, que saudade.

Olhando para o lado espiritual ao encerrar a entrevista Moranga deixou uma mensagem a nós estudante e você, caro leitor: “nunca rejeite quando alguém convidar vocês para fazer parte da comunidade vicentina, o dia que vocês receberem um convite, aquela pessoa que

está te fazendo o convite, é uma pessoa enviada por Deus, é Deus que tá fazendo essa pessoa te convidar, se vocês negarem esse chamado, vocês estão negando a Deus.”

ELAINE NAIME RODRIGUES

Elaine Naime Rodrigues mais conhecida pelos florestalenses como Tia Elaine, figura ilustre, pois por muitos anos trabalhou na Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende em Florestal. Sua vida, como a de algumas de suas irmãs, foi de dedicação à educação do município, suas memórias se entrelaçam nesse ofício tão sublime, o de educar. Ela nasceu em uma fazenda da família, próxima à cidade, onde hoje é o hotel da Júnia. Ela pertence a uma família de 11 filhos, sendo a mais velha.

Perguntamos o que a levou a ser professora? Com a mãe doente, ela ficou em casa para ajudar a cuidar dos irmãos mais novos e dos ofícios do lar. Com a idade entre os 14 ou 15 anos foi morar com o irmão do seu pai em Belo Horizonte e assim acabou estudando na Fazenda do Rosário e com o passar dos anos voltou para Florestal onde fez o ginásio. Ao término, volta para a capital mineira, onde reside por cinco anos, e nesse momento oportuno fez o magistério e pedagogia. E em 1974, retorna à cidade e em 1977 a diretora da Escola, Nilda Mantovani Mattos, a chamou para dar aula de Ciências “eu não era habilitada e nem especialista em nada de disciplina nenhuma, mas eu dei aula de ciências e história, por dois anos”. Vemos como a educação também precisa de um querer do educador, o medo vem, mas deve ser vencido.

Elaine, como era o ensino antigamente em Florestal? “O ensino era maravilhoso, nós tínhamos o privilégio de poder sentar com o colega,

ensinar aos colegas tudo que a gente sabia, quem acabasse primeiro podia ajudar o outro, e assim eu fiz a primeira e a quarta série aqui em Florestal”.

Tia Elaine, quais outras matérias você lecionava? “praticamente todas, porque quando não tinha professor em sala de aula e você não podia deixar os alunos fazendo bagunça, tem que ter uma atividade”, então fazia assim “qual era a aula de hoje? Geografia, então abre o livro, onde a professora estava trabalhando” os alunos respondiam “eu dava as minhas explicações e dava atividade, como também corrigia alguns exercícios”. Um fato interessante e que exala empatia é a preocupação de Tia Elaine quando lhe perguntamos quais as séries ela mais gostava de trabalhar? Não tinha preferência, mas as quintas séries que hoje são os sextos dos Anos Finais “os quais costumam serem mais levados”, esses alunos precisam de um olhar diferenciado, “pois esse pulo que tem do quarto para o quinto, hoje é do quinto para o sexto, é muito relativo, porque a criança não está preparada para sair de uma escola onde ela tem um único professor ou no máximo dois, para irem para um ambiente onde vão ter nove educadores”, vemos uma preocupação e também ação humanizadora da educadora, pois existe uma ruptura gigantesca dos educandos.

Perguntamos a Tia Elaine quais situações foram marcantes nos anos que trabalhou na escola. Para ela tudo foi marcante, tinha o hábito de ser brava e exigente ao ponto de “vez em quando eu dava uns xingos” falava “menino sai daí”, “não pode mexer aí”, “não pode ir ao banheiro em horário de aula” e “assim fui levando a vida na escola”. Guarda na memória “a saudade dos colegas, dos alunos, das reuniões, das festas juninas, das feijoadas, das homenagens e dos desfiles do dia 7 de setembro que movimentavam a escola e a cidade”.

Recorda que, em 2000, teve a primeira turma a se formar no Ensino Médio da Escola Estadual Serafim de Ribeiro, para Elaine é “muito gratificante, você ver um aluno formando” que todas aquelas falas “gente, vamos mudar a atitude”, “mudar esse comportamento”, “a vida não é por aí” valeram apenas.

Tia Elaine nos contou que em Florestal, quando a cidade foi emancipada em 1963, veio um funcionário da prefeitura de Pará de Minas chamado de “Altino Marinho, chamavam ele de intendente, depois elegeram o Cristiano Ferreira de Melo, depois foi tendo eleições normalmente, antes da cidade ganhar sua municipalização, os vereadores tinham que ir para Pará de Minas para realizar os trabalhos”. No começo, Florestal “tinha uma única rua, as ruas laterais eram tudo trilho, não tinha calçamento ou asfalto; os carros e os ônibus de transporte passavam onde é o posto de gasolina e na chuva ficavam agarrados”. Um fato curioso para ela que em toda sua vida, vivendo em Florestal, nunca viu uma “chuva de granizo tão forte como aconteceu nesse ano de 2023”.

A partir desses relatos de Tia Elaine, vemos que o ser educador florestalense é muito forte, e como é bom para ela ver que durante seus 34 anos de profissão, pôde vivenciar o desenvolvimento de seus alunos como da amada cidade.

ANA LÚCIA GONÇALVES

Algumas memórias são fatos que vão acontecendo em meio aos encontros que a vida vai proporcionando. Na história do comércio, os encontros se devam primeiramente das relações de trocas, que as pessoas

faziam. E posteriormente foram surgindo os pequenos comércios, com o passar do tempo, este já recebeu vários outros nomes como venda, mercearia, e, hoje, temos até os hipermercados. São nesses locais, favoráveis para efetuar as relações interpessoais, onde as coisas ocasionam as memórias, umas que remetem ao passado, as quais deixam a saudade. No contexto da historicidade de Florestal, a vida de muitos dos cidadãos também percorreram as idas e vindas das vendas, que a cidade detinha e ainda possui, e uma delas era a venda Casa São Gabriel, mais conhecida por a venda do “Zé Gabriel”. É nesse enredo de acontecimentos, no entorno dos comércios, que deixam e resguardam as memórias dos florestalenses.

Ana Lúcia Gonçalves é a décima primeira filha de Clara Moreira da Silva e do saudoso José Gabriel Gonçalves. O senhor José, pai de Ana Lúcia, foi um homem que ajudou muito os florestalenses, este que nasceu em um dos povoados que compõem a cidade, Cachoeira das Almas e, já na sua fase adulta, foi morar na zona urbana que compunha o município. Como conta Ana “O que sei é que meu pai, ajudava muito aqui, pois sempre foi uma pessoa muito caridosa, ele tinha a venda, na época era uma coisa pequena, mas era o que sustentava a cidade”. Florestal naquela época tinha mais de duas vendas, da Genir Fraga e a do Doraci. Ana conta, a respeito de seu pai, que ele ajudou muito os moradores, pois “quando a CEDAF pertencia ao estado, teve uma época que ficou 6 meses sem pagamento, meu pai vendia tudo nas cadernetas, ele tinha que vender as suas propriedades para poder abastecer a venda, para não deixar os fregueses sem alimento, então ele comprava e dividia com seus fregueses”. Ele “dava 1k ou 2k de cada mercadoria para poder manter todo mundo, e nessa época as pessoas ficaram 6 meses sem pagamento, só depois de meses que o estado acertou

com os funcionários. Graças a Deus a gente só vê falar bem dele, pois o que ele fez, muitos diziam que não era qualquer pessoa que faria”.

O pai de Ana ajudou muito e isso era próprio dele. Ana relata que “a vida do meu pai foi a venda, meu pai saía de casa às 7 horas e ficava na venda até 8 da noite, ele dedicava muito ao comércio, abria sábado, domingo e feriado, o único dia que ele não abria era Sexta-feira da paixão, mas graças a Deus, ele nunca deixou faltar nada pra gente, porque cuidar de 12 filhos não é nada fácil”. Com a vida dedicada a venda e aos moradores da cidade, o senhor José passou-a para uns dos seus filhos e como o passar do tempo a venda chegou ao seu fim.

Ana, percorrendo suas memórias recorda dos tempos das festas que aconteciam em Florestal, ela conta que os principais festejos eram os de “São Sebastião e São Vicente” e as “festas das barraquinhas e da Igreja eram festas muitas boas, a população toda ajudava”. Ana também fez parte de umas das principais atividades econômicas da cidade e que podemos dizer que é uma arte, podemos considerá-la uma arte de mão cheia. Ela confeccionava os tapetes Arraiolo e assim ela conta “eu fiz o tapete Arraiolo por 10 anos, eu cheguei a tomar conta de uma tapeçaria, cortava os tapetes, marcava as cores e distribuía, a gente já chegou a produzir até 300 metros de tapete em 1 mês”.



**MEMÓRIAS:
O TECER DA
CIDADE**

TECENDO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Os tapetes Arraiolo são típicos bordados portugueses, feito com lã e que utiliza o ponto Arraiolo “que é um ponto cruzado oblíquo composto por duas meias cruces, uma das quais tem o dobro do comprimento da outra. Essas duas formam um ponto completo e fazem-se ambas dentro da mesma altura do tecido” (PIRES, 2016). Tudo indica que a produção desse tipo de artesanato deu início na vila de Arraiolos em Portugal, devido a algumas condições locais como: matéria-prima, teares, e por ter na localidade pessoas ligadas a tecelagem.

Os tapetes Arraiolo, quando comparados com outros tipos de tapetes de origem persa ou turca, se assemelham bastante. Mas, há uma diferença fundamental que se encontra na própria feitura dos tapetes, pois “enquanto os tapetes persa e turco são feitos em tear e com o uso de nós (assimétrico e simétrico, respectivamente), o tapete de Arraiolos é bordado a ponto cruzado oblíquo (ponto de Arraiolos) sobre um tecido base forte.” (MARQUES, 2007, p. 9).

Na cidade de Florestal, segundo os testemunhos dos florestalenses, a técnica dos tapetes Arraiolo tem sua origem por volta dos anos 1970 com chegada da família de imigrantes de Angola, o Sr. Carlos Romeiro (conhecido como Carlos Português) e sua mãe D. Ana. Esses imigrantes apresentaram o ofício do artesanato dos tapetes Arraiolo às famílias da cidade e várias bordadeiras aprenderam. Nas narrativas dos cidadãos, contamos que no começo era comum ver nas calçadas do município as bordadeiras praticando o artesanato do Arraiolo, gerando assim encontros, teceres de memórias e aprendizagens, pois essa prática foi “passada de geração em geração, como fonte de renda e como forma artesanal de um ofício manual, remetendo a uma visão de mundo tradicional” (REZENDE, 2021, p.4) que perdura até os dias atuais. Vale ressaltar que as produções dos tapetes têm um acervo memorial e histórico para a humanidade e essa atividade de origem portuguesa, que tem referências históricas desde o século XVII, hoje se destaca como uma identidade do Patrimônio da Humanidade. Na atualidade, Jhoanes Rodrigues, filho da terra de Florestal, é o principal responsável em manter tal atividade na cidade mineira.

A confecção do Tapete Arraiolo em Florestal segue uma série de etapas e estas perpassam pela memória e tradição, já adquirida pelas bordadeiras ao longo dos anos. O primeiro momento da elaboração decai em algo sublime, a criação do desenho, este que vai ganhar forma na tela de juta. O desenho é traçado a mão livre em papel quadriculado e na atual conjuntura com o auxílio da tecnologia muitos desenhos ainda são desenvolvidos utilizando esse meio. Seguindo o traçado criado, os pontos são marcados, ao final do projeto ele ganhará uma legenda com indicações das cores que fazem partes daquele bordado. Feito isto, o segundo passo é bordar o projeto riscando a tela, este que representa

um quarto do tapete; ao fazer um quarto do tapete a bordadeira irá espelhar o desenho para que toda a tela tenha todos os mesmos detalhes simetricamente. Com os pontos já marcados, o terceiro momento é a marcação das cores e com isto feito passa-se para o preenchimento de todo o fundo. O quarto passo é o acabamento, no qual o tapete quase pronto vai receber uma franja, que é feita em tear como na tradição dos Arraiolos portugueses, esta consiste em um traçado de fios de lã entremeados pela régua. É preciso que os laços das franjas sejam bem apertados e curtos para assegurar, a estrutura do produto. Assim, com a franja pronta é só pregá-la ao tapete, ante de passar para a parte final se faz uma espécie de arremate, quando escova-se cuidadosamente o tapete para procurar erros e retirar os excessos de fios. Por fim, o quinto e último passo corresponde à engomação do tapete, para isto ele é preso em uma chapa de compensado e devidamente esquadrejado, após com o rolo de pintor se aplica uma mistura de cola branca com água e coloca-se no sol para secar e assim está pronto para a comercialização.

CARLOS ROMEIRO
(CARLOS PORTUGUÊS)

A historicidade da origem da confecção dos Tapetes Arraiolo na cidade de Florestal se dá em um encontro de memórias que provoca a união entre nacionalidades e consequentemente atravessa até os oceanos. Todo o princípio se dá com Suzana Souza Lima (mais conhecida como Dona Suzana) a qual tinha uma loja de decoração na capital mineira, Belo Horizonte. Dona Suzana, conheceu Dona Ana, senhora imigrante, natural da Angola, essa que aprendeu a produzir os tapetes por volta dos “14 anos, com seu tio, este que era um artista plástico e

pintor”. Desse modo, nas terras formosas florestalenses nas propriedades de Dona Suzana, juntamente com Dona Ana, juntas criaram um núcleo para ensinar as pessoas do município a arte de confeccionar os belos tapetes Arraiolo.

Carlos Romeiro (mais conhecido por Carlos Português) filho de Dona Ana juntamente com um português, daí vemos o apelido de Carlos Português, já que também tem nacionalidade angolana, nos conta mais memórias desse momento sublimem na história de Florestal em relação aos Tapetes Arraiolo. Carlos conta que quando arparam no Brasil já “tinha mais de 40 anos que minha mãe não trabalhava nessa área, ela era contadora e trabalhava em uma empresa de café”. Para começar a história dos tapetes em Minas Gerais, Carlos Português contou que o “Itamarati mandou mensagem para o consulado de Portugal, perguntando se havia algum imigrante português que sabia a técnica da confecção dos Tapetes Arraiolo.

Desse modo, o consulado Português chegou até minha mãe em Belo Horizonte, e disseram que tinha um pessoal em Diamantina interessado nessa técnica. E se ela queria ir lá ensiná-los”. Um fato curioso que a história dos tapetes não se deu em Florestal, mas sim em Diamantina, pois “havia um embaixador, que era um homem muito viajado e conhecia muito a técnica da produção dos tapetes Arraiolo e, ele quis trazer essa arte dos tapetes para Diamantina”. Dona Ana, aceitou o convite e “começou a ensinar em uma velha estação de trem que havia lá.”

De volta a Belo Horizonte, Ana, conheceu Dona Suzana, cidadã florestalense e nessa época Carlos Português se encontrava no Rio Grande do Sul, trabalhando em fazendas daquela região, mas por causa da saudade foi embora para ficar perto de sua mãe, que já estava

morando em Florestal. E a partir daí aprendeu a técnica do tapete com ela e também se tornou um artesão. Carlos, aproveitou essa oportunidade e estudou muito, criando vários desenhos; ele estudou um livro antigo denominado História e Técnica dos Tapetes Arraiolos, o qual possui técnicas e imagens de tapetes antigos. Com seu desempenho através dos estudos, Carlos e sua mãe, Ana, criam em Florestal uma tapeçaria.

Com a tapeçaria, eles puderam ajudar muito na economia da cidade, pois “teve época que tínhamos mais de 200 bordadeiras tralhando, vi como as casas foram melhoram muito, pessoas colocando piso em suas casas, comprando geladeiras novas e havia muitos homens que faziam os tapetes, eles chegavam do serviço à noite e ficavam ajudando suas esposas na confecção dos tapetes”. Através da tapeçaria de Carlos e de outras que formaram na cidade o município de Florestal se destacou, a produção em seu auge “começaram a ganhar nome, e todo ano tinha feira no mineirinho, no qual éramos convidados a apresentar nossos trabalhos e a prefeitura de Florestal dava o transporte, o alojamento e a alimentação.” Os trabalhos dos artesões florestalense não ficaram presos às terras mineiras, para as apresentações eles puderam “participar de feiras no Rio Grande do Sul e em São Paulo, tudo pago pelo governo do estado. Isto foi muito interessante porque não tinha uma feira que não fosse organizada que não faziam questão de convidar Florestal.”

Carlos contou um fato que é bastante curioso e faz retomar várias memórias dos cidadãos dessa cidade. Que antigamente as pessoas do município “tinham a cultura de bater papo na rua e dessa forma nasceram as bordadeiras bordando na rua, onde as mulheres assim que terminavam as tarefas domésticas se juntavam para bordarem os belos tapetes nas calçadas da cidade”, ainda é possível ver algumas bordadeiras realizando essa atividade nos dias de hoje. A cidade contou também com uma associação de artesões a qual recebeu o nome de

Associação dos Artesões e Artistas Plásticos de Florestal a qual ele ajudou a fundar e se tornou o primeiro presidente, lá eles tinham como mostruário “coisas feitas de bambu, sapatos, bolsas, o tapete Arraiolo e outros objetos”. Carlos, quando apresenta fotos e recorte de jornais a respeito dessas memórias de Florestal, ao se deparar com um momento importante de sua carreira de artesão, um momento histórico para sua vida e para a cidade de Florestal: a posse da diretoria da Associação dos Artesões e Artistas Plásticos da cidade. Emocionado, fala “foi uma época maravilhosa de minha vida, na qual a cidade não contava com quase nada de recursos e que praticamente não tinha nada. Essa Associação deu uma grande alavancada no comércio de Florestal, dando empregos e criando novas oportunidades.”

Carlos Português, ao ser indagado, pois a cultura do artesanato dos Tapetes Arraiolo pode vir provavelmente a acabar na cidade, porque as bordadeiras estão ficando cada vez mais idosas e hoje é muito difícil encontrar na juventude o interesse por esse ofício. Carlos concorda e, acrescenta ainda algumas novas argumentações “o trabalho é cansativo, não muito valorizado, infelizmente” e aumentando sua justificativa diz: “um tapete demora até 3 meses para ficar pronto e, por isso e outras coisas mais, não pode ser vendido por qualquer preço.”

Sem perder as esperanças, Carlos, em seu acervo possui mais de dois mil desenhos de sua própria autoria. Hoje em dia, ele não trabalha com a tapeçaria, pois “atravessei uma crise financeira, e por isto desanimamos na produção dos tapetes. Mas ainda não parei completamente, estou produzindo desenho de novos tapetes e vendo pelo site”. Os Tapetes Arraiolo de Florestal resguardam memórias que só os cidadãos dessa cidade são capazes de proferirem às próximas gerações. São sinais de lutas e conquistas!

JHOANES RODRIGUES PEREIRA

Jhoanes Rodrigues Pereira é o principal artesão da tapeçaria do Tapete Arraiolo, nas bucólicas terras florestalenses, e filho de Florestal começou a praticar aos 10 anos de idade, aprendeu sozinho, ou melhor, aprendeu observando sua mãe, Palmira Alves Pereira, pois as cores e os desenhos o encantavam; ele contou que certo dia sua mãe estava bordando um tapete e ela estava com dor de cabeça quando parou um pouco para descansar, acabou adormecendo.

Ele, vendo a oportunidade pegou o futuro tapete e começou a bordá-lo e isso ocorreu no dia 25 de janeiro de 1982, vemos que a partir dessa prática nasce o enredo do auxílio financeiro que ele pôde proporcionar à sua família e mais tarde ser esse também seu subsídio para suas conquistas. Hoje, aos 51 anos de idade, e outros 41 anos de histórias e memórias, ocasionadas pelo tapete, cujas lembranças mais importantes guardadas pela infância são as bordadeiras da cidade bordando os enormes tapetes nas calçadas da cidade.

Seu pai, Antônio Rodrigues Pereira, era eletricista, funcionário federal, Jhoanes pensava que deveria substituí-lo quando se aposentasse, pois, acreditava que era assim que as coisas funcionavam. Mas com proeza esse não foi seu destino; com a tapeçaria formou-se em Letras pela Faculdade de Pará de Minas (FAPAM), mas antes disso queria muito estudar Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, não foi, pois, o trabalho com o Arraiolo o prendia, porque quando tinha seus 18 para 20 anos ele já tinha bordadeiras que trabalhavam com ele. Hoje ele coordena em média 30 bordadeiras espalhadas pela cidade de Florestal e outras por cidades mais próximas como Pará de Minas. Ele conta que algumas começaram o ofício mais cedo do que ele “com 7 anos ou 9

anos de idade, pois na época era uma das maneiras de ganharem seus próprios sustentos”.

A cidade de Florestal já teve uma associação voltada para a venda de artesanato, produzido pelos moradores, o tapete Arraiolo era um deles, Jhoanes foi o primeiro secretário dessa associação. Tal associação hoje não existe mais, mas ainda ele guarda o livro de ata dessa pequena associação como recordação de bons tempos. Atualmente seus trabalhos com tapeçaria estão espalhados pelo mundo, já diga que ele tem seu próprio estilo, pois aqueles que conhecem seu trabalho já conseguem identificar. Tal aspecto é surpreendente; pois uma certa vez, uma cena de um filme o fez criar um desenho, por ficar impactado com o “personagem que tiraria uma moeda do bolso, fazendo voltar ao presente”. Com as imagens desse filme ele criou uns dos seus mais ilustres desenhos e na época de sua confecção; Marli, hoje sua esposa, “dizia ser o mais bonito que havia construído.”

Uma situação inusitada foi uma encomenda de três tapetes para a casa de um fazendeiro, pois as medidas eram exorbitantes o maior era de 30 metros e Jhoanes nunca tinha feito um daquele tamanho. Primeiro fez um de 14 metros e ao tentar convencer o fazendeiro de fazer outros de outros tamanhos, daí veio a surpresa, o próprio fazendeiro solicitou o de 30 metros, quantas incertezas não?! Jhoanes aceitou o desafio, assim podemos dizer, chamou outra bordadeira para ajudá-lo e com o apoio dela o fizeram em 180 dias, um recorde ou uma loucura, não sabemos dizer, mas é possível ver o esforço e a dedicação que ambos tiveram para a entrega dessa belíssima obra de arte. Que assim podemos chamá-la, e ficará exposta para essa geração e para futuras, salvaguardando histórias de um tecer de uma cidade simples do interior metropolitano belorizontinho.

MARIA JOSÉ RODRIGUES SOARES NOGUEIRA

(NENECA)

No contexto dessas memórias que tecem a história dos cidadãos florestalenses oportunizadas pelo Tapete Arraiolo, encontramos histórias que narram lutas, superações, amor e construção de vida. Maria José Rodrigues Soares Nogueira (mais conhecida por Neneca), nos narra este contexto, esposa do senhor Antônio Fernandes Nogueira, é mãe de dois filhos. Neneca, como gosta de ser tratada, nasceu nas terras de Florestal, seu contato com as técnicas na confecção dos Tapetes Arraiolo se deu muito cedo, pois antes de iniciar a confecção ela contou que “a vida era muito difícil, pois era somente papai que trabalhava para alimentar e cuidar de todos da família”. Na fazenda de Dona Suzana, onde morava, e seu pai trabalhava, ali também se deu início as mudanças dessa família, pois sua mãe, “foi a primeira da casa a aprender a fazer os tapetes” e consequentemente todos da casa aprenderam e começaram a produzir os tapetes. A partir daí, “todos trabalhando com os tapetes foram comprando suas coisinhas e não faltou mais nada” na minha “casa, sete pessoas faziam o tapete, até depois de casados, alguns continuaram a fazer”.

Na atual conjuntura, Neneca ainda confecciona os tapetes, ela já perpassou por todas as etapas de produção, hoje em dia desenha, e usa a tecnologia a seu favor, na qual estuda os desenhos por um tablet e transcreve para o tecido agilizando o processo. Com um lindo sorriso e emocionada Neneca diz “que a confecção dos tapetes não pode acabar, tenho hoje ele como uma terapia, antigamente era por necessidade, hoje não mais”. Ocorreu um tempo de sua vida que decidiu parar de produzir os tapetes “quando parei de fazer os tapetes, eu ficava só

dentro do quarto, pensava que não tinha necessidade de fazer, e com o passar do tempo senti que deveria voltar. Procurei o Jhoanes – esse homem é uma benção – e ele me deu um tapete para voltar a fazer”.

Voltando ao passado, Neneca, chegou a fazer parte da Associação dos Artesões e Artistas Plásticos de Florestal, disse que “foi um momento muito bom”. Um fato curioso contado por ela é que, quando o Carlos Português tinha sua tapeçaria o “dia dos pagamentos, na porta da sua casa faziam filas pra receber o salário”. Neneca, conta um fato que podemos chamá-lo de hilário “minha irmã, Luzia, nos dias de pagamento, naquele tempo, se arrumava toda, colocava salto alto, passava perfume e ficava igual uma primeira dama, para receber o pagamento. Assim que nós recebíamos íamos para Pará de Minas para fazer as compras de nossas coisinhas. Era um momento muito bom e divertido”. Hoje quando vê as postagens das vendas feitas pela tapeçaria de Jhoanes sente um “orgulho, alegria e valorizada”.

Ao retornar ao passado, Neneca, conta que “não achou muito difícil no começo a confecção dos tapetes, pois é muito prazeroso de fazer”, não tem nenhuma criação sua, no início “vinha os desenhos do Carlos Português e hoje são os desenhos do Jhoanes” que ela passa para a tela. Conta também que os tapetes “ajudaram muito, nas condições de vida da população de Florestal, pois no começo nós usamos o salário dos tapetes para comprar roupas, remédios e alimentos”. Uma de suas irmãs, já falecida, dava o “salário que ganhava do tapete para mãe, pra comprar açúcar e macarrão” e nesse enredo Neneca faz saltar as memórias e estas a fazem pensar: “Deus age em nossas vidas, porque nossa família nunca passou fome, o tapete ajudou, pois morávamos na roça e não tinha emprego, só papai trabalhava”.

Neneca, também resguarda na sua memória, já morando na cidade, as mulheres bordando nas calçadas do município, “antigamente

as mulheres ficavam batendo papo e bordando nos passeios da rua, ainda vejo gente bordando nos passeios”. Ela tem esse artesanato como uma terapia, pois “quando termino tudo aqui em casa, sento para fazer o tapete e nem vejo a hora passar”. Em suas lutas e suas conquistas, Neneca, ajudou seu marido o senhor Antônio Fernandes Nogueira (mais conhecido como Fubá) a construir a casa, ela na produção dos tapetes ficou com as despesas de casa “roupas, comidas e a educação dos meninos” e ele com as despesas da construção do novo lar. Ela conta que era muito difícil, “pois os dedos ficavam doloridos de tanto bordar”, mas em meios essas lutas, conquistou sua tão sonhada casa.

A história de amor desse casal se deu em prol do tapete Arraiolo, já estão casados há 38 anos. Quando se conheceram, ele tinha 17 anos e ela 7 anos, e foi nessa época que ele deu a ela o apelido de Neneca. Se conheceram na fazenda da Dona Suzana, local onde se deu início aos trabalhos do tapete Arraiolo na cidade. Hoje o senhor Fubá, já aposentado ajuda Neneca, à sua maneira, na confecção do tapete “ele busca as linhas e as enrola até formar um novelo”. Foi a forma que ele encontrou de ajudar e facilitar o trabalho de sua esposa, Neneca. De acordo, com Fubá, “toda linha que sobra, eu enrolo fazendo novamente um novelo, para devolver ao Jhoanes, para que seja reaproveitado por outras bordadeiras” nesse tecer provocado pelo Arraiolo vemos a história de amor, honestidade e respeito um pelo outro.

Neneca aproveita a oportunidade de intensa sensibilidade da entrevista e mostra uns dos últimos trabalhos com Tapete Arraiolo, feito por sua mãe, pois há exatamente três anos atrás, ela faleceu. Tal tapete foi lhe dado de presente pelas irmãs. O mesmo está em perfeito estado, tendo sido feito há trinta e nove anos atrás. Neneca comunica, com muita alegria, que não pretende parar com seu trabalho de artesã.

E fala com orgulho que consegue tecer “um tapete em até quinze dias dependendo do tamanho”. Com os anos de experiências, Neneca hoje faz os desenhos que é uma das tarefas mais difíceis, mas o trabalho nos modelos da contemporaneidade está mais fácil, pois “antigamente pegava o tapete e tinha que alinhar, pra depois medir e começar a tecer. Hoje o Jhoanes já entrega todo esquadrejado; e quando termino de desenhar vem outra moça e faz o preenchimento. E o Jhoanes vem fazendo o acabamento, todo o trabalho é manual”.

Neneca relembra novamente a época da sua mãe, pois “minha irmã desenhava e eu junto com minha mãe vínhamos preenchendo o tapete, assim fazíamos mais rápido. Era uma alegria tecer os tapetes junto com minha família”. Fubá, relata que o comércio proporcionado pelos tapetes era grande na cidade, pois “chegavam caminhões de tela na casa do Carlos Português, e saíam cheio de tapetes feitos. Os tapetes já foram até para fora do país.” Neneca fora indagada com a seguinte pergunta, qual era a sensação de tecer um tapete que surgiu no século XVII, e ela respondendo em um tom de alegria “é a melhor sensação, e isso não pode acabar”. E ainda fala que os tapetes Arraiolo em outros países “são muito valorizados”. Com muita alegria no que faz, a Neneca diz que “tenho dó de pisar nos tapetes feitos por mim”.

A história dos Tapetes Arraiolo de Florestal se mostra com um verdadeiro tecer que tecem também os moradores dessa pequena cidade e proporcionam memórias que jamais o tempo apagará.

SIRLENE RODRIGUES DA SILVA

Sirlene iniciou a confecção dos Tapetes Arraiolo ainda bem jovem, por volta dos 12 anos, agora aos 52 anos não faz mais devido a

motivos pessoais. No início aprendeu observando sua mãe, depois pediu para ela a ensiná-la. Segundo alguns relatos de outros artesãos, Sirlene é uma bordadeira de mão cheia e uma das mais ousadas, pois juntamente com Jhoanes aceitou fazer um dos maiores tapetes Arraiolo de suas histórias, esse que tinha 28 metros e que levou oitenta dias para ficar pronto, um recorde. Ela fala que “no início o tapete era uma diversão. Hoje em dia ele é tudo em sua vida, é como se fosse uma terapia”.

Sirlene, relata que um “tapete de 28 metros, é um tapete muito grande e que nem existe tela para fazer um desse tamanho, tivemos que emendar as telas, mas se tiver que pegar outro tapete desse tamanho, pegaria com gosto”. A parte que ela diz que pode ser a mais difícil na confecção dos tapetes são os “desenhos, pois mexe com o nosso psicológico, tem que visualizar o desenho do papel ou do tablet, depois contar ponto por ponto e fazer as passagens enquanto preencher é mais fácil, pois as cores já estão marcadas”. Nos últimos trabalhos ela já estava fazendo as duas funções do tapete, ou seja, tanto desenhando como preenchendo, pois acha melhor.

Tecia seus tapetes na calçada junto com outras artesãs e, principalmente, na “porta da casa de mamãe”. Foi-lhe perguntado o motivo de se tecer tais tapetes na calçada de sua rua e, ela informou com veemência, que só “acontecia quando os tapetes eram de metragem pequena, porém, se o tapete fosse grande só dava para tecê-lo dentro de casa”. Sirlene, não chegou a trabalhar na Associação dos Artesãos e Artistas Plásticos de Florestal. Nos diz, também, que chegou a viajar tanto para São Paulo-SP quanto para Juatuba-MG para dar cursos de como fazer os tapetes. Para São Paulo, a mãe do Sr. Carlos Português a convidou para ir mesmo sendo ainda menor de idade, 14 anos. Ficaram 30 dias, especificamente, na cidade de São Pedro, dando o curso. Sirlene

por sua vez, gostou muito da experiência. Gostou tanto que também foi convidada pela esposa do Sr. Carlos Português, a irem juntas até Juatuba para dar o mesmo curso. Em Juatuba, especialmente, o curso foi apenas “para orientar, conferir e arrematar os tapetes já feitos pelas artesãs”. Um dos entrevistadores lhe perguntou se era fácil fazer os tapetes, ela prontamente responde que “sim”.

Assim ela nos contou “que nunca tive dificuldades”, pois Sirlene aprendeu desde nova esse ofício. Na adolescência trabalhava como doméstica na casa do Carlos na parte da manhã e na parte da tarde trabalhava com os tapetes. Ela também relata os dias dos pagamentos, pois “eu e minhas amigas recebíamos e íamos direto para Pará de Minas e muitas mulheres que iam receber seu dinheiro, já iam todas arrumadas”. Na sua opinião, os tapetes em Florestal estão sendo “esquecidos, mas ainda bem que temos pessoas como Jhoanes, que ainda faz e ensina a outras pessoas.” Sirlene, conta que ainda tem um tapete feito por ela na cozinha de seu lar, um local onde resguarda suas memórias de tal atividade.

Todas as pessoas que já trabalharam com os tapetes Arraiolo sentem saudades de fazê-los, pois ressalta em suas memórias os velhos tempos, mesmo que às vezes sejam esquecidos. Ainda assim não será apagadas por completo essa arte devido aos inúmeros tapetes espalhados já pelo mudo, que contam e recontam as histórias dos cidadãos dessa cidade.

DÉBORA SILÉSIA DA SILVA

Muitas tradições, podemos dizer que são passadas de gerações em gerações, por familiares. Há também aquelas que não são passadas

por laços sanguíneos. Em Florestal, temos essa realidade, de uma tradição efetuada por artesãos que começaram no século XVII, lá na vila dos Arraiolos, em Portugal, que perduraram ao tempo e seguem até o hodierno. Tradições que atravessaram os oceanos e revigoraram aqueles que produziram e podemos dizer que avigoraram aqueles que ainda mantêm essa técnica viva.

Os tapetes Arraiolo são uma tradição que rememora e deixa grandes significados na vida dos seus artesãos. Aqueles que aprenderam tem essa arte presente em sua vida, e tem aqueles que aprenderam com os primeiros que trouxeram essa arte para as terras florestalenses sentem-se muito orgulhosos. Débora Silésia da Silva, por volta dos seus 14 anos aprendeu a fazer o Tapete Arraiolo, juntamente com mais duas de suas irmãs, a Ana e a Regina, aprenderam essa arte com a própria Dona Ana, mãe do Carlos Português, nas residências deles, “o aprendizado foi bem intenso, porque dona Ana era muito rigorosa, tinha que fazer os pontos certos, não podia ser apertado demais e nem bambo demais, não podia arrematar com menos de três pontos, nem começar com menos de três pontos as linhas”. E para se chegar à perfeição é preciso compreender todo o processo, com mais repetições a arte vai dando seu belo.

Débora nos narra que “em Florestal, muita gente aprendeu a fazer os tapetes com Dona Ana”. Ela conta também que quando aprendeu juntamente com suas irmãs “elas sentavam-se na varanda de casa, ouvindo rádio” e enquanto faziam “juntavam uma turminha para fazer o tapete, e o assunto eram os meninos da CEDAF”. Como em Florestal havia uma escassez de emprego, Débora relata que “quando Dona Ana e o Carlos vieram pra cá eles ajudaram muito, pois deram trabalho para muita gente”.

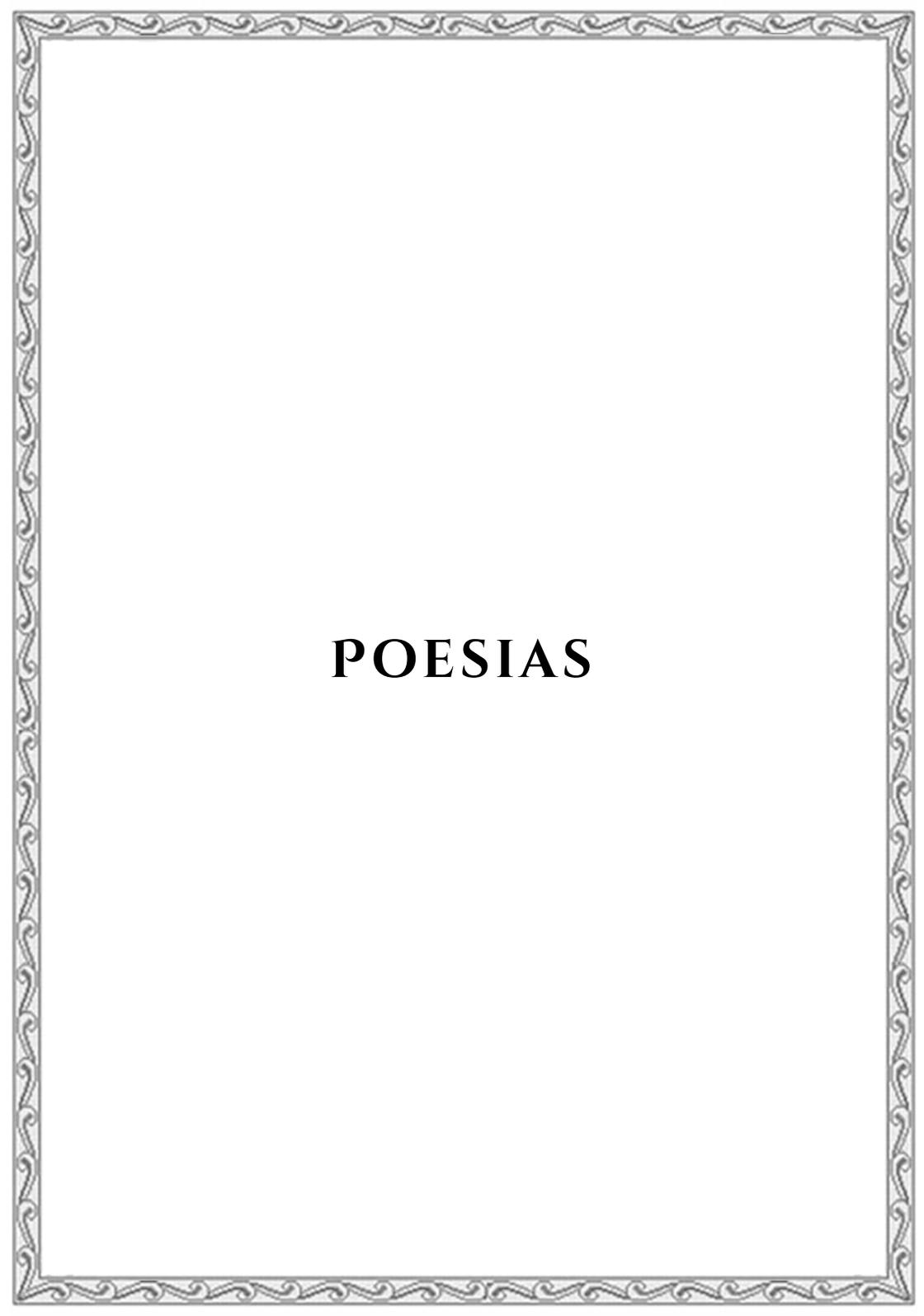
Hoje, Débora não confecciona essa arte, mas tem em suas memórias os verdadeiros teceres de uma cidade que se desenvolveu

também por esse ofício. Agora ela trabalhando em outro ramo, educação, tem muita vontade de voltar a produzir essa arte. Assim ela fala “tenho muita vontade de voltar a fazer o tapete, se tivesse tempo eu faria de novo. O tapete era o tempo que tínhamos para encontrar com as amigas, pois não podia sair de casa para ir à casa das colegas, então usávamos o tapete como desculpa”.

Na vida de Débora, o tapete não era somente um trabalho, também era o tempo de se divertir. São essas memórias importantes e singelas ocasionadas por essa arte. Ela relata que o tapete é uma verdadeira terapia, pois não “era um serviço que eu fazia obrigada, mas sim um serviço livre, era bom demais”. Débora, tinha a consciência que também deveria fazer o trabalho com o tapete mais rápido, porque todas ganhavam por produção e também por metro.

Débora começou a tecer os tapetes em 1984 e, seu último trabalho foi no ano de 1994 portanto, 10 anos de trabalho. Ela diz que a tapeçaria acrescentou “muito aprendizado em minha vida, inclusive na área financeira.” Aprendeu a administrar, investir seu dinheiro. Em consequência, comprava suas próprias coisas. Anotava toda sua despesa e, no final, sabia o quanto gastou e o quanto sobrava, ou seja, tinha o controle de suas finanças. Todo o seu dinheiro era somente para ela, não precisava ajudar em casa. Gastava sempre só com ela mesma, como por exemplo: tomar sorvetes, comer sanduíches, refrigerantes, roupas e sapatos. Ela relembra que aprendeu a fazer tapetes com um “pequeno pedaço de tela e eu pensava em seguir carreira.” Fala também que “a mãe de Carlos foi criando algumas dificuldades para nós. Para que fôssemos aprendendo e fazendo os pontos muito bem feitos”. Nos diz, que não participou da Associação dos Artesãos de Florestal e, não sabe exatamente quem participou da mesma. Débora diz que tudo mudou

depois que os jovens do município começaram a trabalhar com o Arraiolo, pois ajudou muito na economia de Florestal a se desenvolver.



POESIAS

ARRAIÓLOS

Marli de Siqueira Rodrigues

Matizes de mil cores
Colorem o mundo
Ponto a ponto,
De cor em cor...

As mãos de fadas
Tecem, com amor;
Trabalho de mãos
Que leva junto o coração...

Talento e capricho
Na ponta da agulha,
Em quanta beleza
Os olhos mergulham!
Tapete artesanal,
Trabalho magistral
São mesmo tapetes?
Ou verdadeira e fina arte?

A beleza do bordado
Traz motivação
Para a continuidade
De tão rica tradição!

SONETO DO ARRAIOLO

Leandro Gonçalves de Rezende

Com suas cores vivas e desenhos lindos,
O tapete arraiolo traz tradição,
Em cada nó, um pedaço de carinho,
Feito com esmero e dedicação.

Nas casas antigas, era o chão que cobria,
Protegendo os pés do frio do inverno,
Hoje em dia, é arte que se aprecia,
Um tesouro raro, que remete ao calor materno.

As linhas se cruzam, formando flores,
Compondo cenas da vida no campo,
O tapete arraiolo tem muitos valores,

É história, cultura, amor e encanto
Que siga tecendo a trama de sua história,
Enfeitando casas com sua graça e glória

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência mostrou-nos que uma consistente e eficaz educação patrimonial desenvolvida na escola, cumpre, de modo louvável, o seu papel conscientizador, na medida em que aproximam teorias e discussões acadêmicas da vivência prática de cada um, com suas tradições, memórias e identidades, que mesmo ressignificadas ao longo do tempo, sempre terão o aporte de suas bases locais, enraizadas na História, nos casos, na arquitetura, nos saberes, nos modos de viver e fazer, enfim, em todo o aparato cultural criado pela comunidade e apropriado como um referencial de memória coletiva, traduzindo a alma e a essência da comunidade de Florestal.

A essência de uma cidade reside na comunidade que se congrega em seu seio. Assim, concluímos que Florestal, uma típica e pequena cidade do interior das Minas Gerais, é um espaço privilegiado, no qual expressões culturais e patrimoniais puderam ser construídas e

compartilhadas por membros de uma sociedade, cujos suportes de memória são seus bens culturais, materiais e imateriais. Tais suportes, frutos das inúmeras relações cotidianas, que já aconteceram e que ainda acontecem, precisam ser preservados, garantindo a continuidade da identidade e da memória comum dos florestalenses.

Os jovens educandos, quando apropriados do conceito de patrimônio cultural, criaram outra relação com o meio em que vivem, valorizando sua essência e identidade. Essa abordagem pedagógica possibilitou o desenvolvimento de uma consciência histórica, o fortalecimento da identidade cultural e o respeito à diversidade, preparando os alunos para serem cidadãos ativos e participativos na sociedade.

Sendo assim, conclui-se que o levantamento dos patrimônios materiais e imateriais e das memórias e contos da cidade e da comunidade de Florestal é fundamental para a construção e configuração de um conjunto documental e memorial da cidade. Da mesma forma, podemos pensar que essa construção não perpassa apenas pelo levantamento. É fundamental a atuação conjunta dos poderes públicos e das instituições de ensino. No caso florestalense essa função recai, sobremaneira, sobre a única escola estadual, local privilegiado para a construção de uma educação patrimonial, sensibilizando, a partir de diferentes estratégias, os estudantes e a comunidade sobre questões patrimoniais, históricas e memorialísticas

Que este livro se torne não apenas uma fonte de conhecimento, mas também uma inspiração para que continuemos a preservar e valorizar nossa história, a fim de garantir um futuro ainda mais promissor para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, v. 3, n. 5, p.35-67, 2009.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BESSA, Altamiro Sérgio Mol, *et all*. **Preservação do Patrimônio Cultural**: nossas casa e cidades, uma herança para o futuro. Belo Horizonte: CREA-MG, 2004.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca digital. Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 16/07/2023.

BITENCOURT, Circe. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.

BLOCH, M. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASADEI, Eliza Bacheга. Maurice Halbwachs e March Bloch em torno do conceito de memória coletiva. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá, nº 18, maio de 2010, p.153-161. Disponível em: <<http://periodicos>.

uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9678/5607>. Acesso em 08/02/2023.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

D’ALESSIO, Márcia Mansor. Metamorfoses do patrimônio – O papel do historiador. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 34, 2012, p.79-90.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Referências Culturais**: base para novas políticas de patrimônio. Rio de Janeiro: Repositório do Conhecimento do IPEA, 2003. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4775>>. Acesso em: 20/06/2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GINZBURG, Carlo. **Da memória à história**. In: Fronteiras do pensamento, 2010. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/videos/da-memoria-a-historia>>. Acesso em 04/06/2023.

GOULART, Saulo. In: CASA DO SABER. **História e Memória** | Saulo Goulart, 02/03/2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lfy55jJhqS8>>. Acesso em: 11/01/2023.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira; MAIO, Luciana Mourão. Bem cultural. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete).

GUIMARÃES, Airton Geraldo e SOUZA, José Eustáquio Oliveira de (orgs). **Bandeira de Minas**. Belo Horizonte: Editora Vega, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Florestal**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/florestal.html>>. Acesso em: 20/05/2023.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS (IEPHA-MG). Diretoria de Promoção - Gerência de Cooperação Municipal. **Relação de Bens protegidos pelos Municípios (apresentados ao ICMS- Patrimônio Cultural), pela União e pelo Estado - até o ano de 2017 / exercício 2018**. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/images/Documentos/Programas/LISTA_BENS_PROTEGIDOS_AT%C3%89_EXERCICIO_2018_ELEI%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 30/03/2023.

IEPHA-MG. ICMS Patrimônio Cultural. 2016. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/icms-patrimonio-cultural>>. Acesso em 19/04/2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN, 2016. **Patrimônio**. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/>>. Acesso em: 30/03/2023.

LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. **Revista Linguagem**, UFSCar - São Carlos, 18º ed, p. 1-8, 1º Semestre de 2012. Disponível em: <<http://www.lettras.ufscar.br/linguagem/edicao18/artigos/045.pdf>>. Acesso em 08/02/2023.

LE GOFF, J. Documento/ Monumento. In: _____. **História e Memória**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____ **Memória e História**. Campinas: Unicamp, 1990.

LEMOS, C. A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MARQUES, R. C. T. de O. **A história e técnica dos tapetes de araiolos**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2007 (Dissertação, Conservação e Restauro).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINTO, Tales dos Santos. “Evolução das cidades”. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia/evolucao-das-cidades.htm>. Acesso em: 09/06/2023.

PORFÍRIO, Francisco. “Patrimônio histórico cultural”. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/patrimonio-historico-cultural.htm>. Acesso em: 22/06/2023.

PORTA, Paula. **Política de preservação do patrimônio cultural no Brasil: diretrizes, linhas de ação e resultados - 2000/2010**. Brasília, DF: Iphan/Monumenta, 2012.

PRATS, Joaquín. Ensinar história no contexto das ciências sociais: princípios básicos. **Educar em revista**, 2006, p. 191-218.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORESTAL. **Nossa história**. 2023. Disponível em: <https://www.florestal.mg.gov.br/portal/servicos/1001/nossa-historia/> . Acesso em: 23/05/2023.

REZENDE, Leandro Gonçalves de. **Educação Patrimonial e Formação Cidadã**: identidade, memória e pertencimento a partir do levantamento dos patrimônios culturais de Florestal/MG. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

REZENDE, L. G. de. Nos pontos do arraiolo: os elos entre história, memória, patrimônio e identidade cultural na cidade de Florestal/MG. **Anais. X Seminário Nacional do Centro de Memória – Unicamp – Independência ou Morte? Memórias do Brasil (1822-2022)**. Campinas, SP: Centro de Memória- Unicamp (CMU), 2021.

RODRIGUES, Icles. In: **LEITURA OBRIGAHISTÓRIA**. Qual a Diferença entre Memória e História? Conceitos históricos, 20/07/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XRDzvu-c4AAU>>. Acesso em 08/02/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - UFV. **UFV-Florestal: uma história de 75 anos**. Disponível em: <http://www.portal.ufv.br/florestal/?page_id=3719>. Acesso em: 24/03/2023.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Florestal**. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Florestal>>. Acesso em: 26/07/2023.



Projeto Iniciação Científica BIC - Júnior/FECITEC/UFV/CNPq

O ano de 2023 foi muito profícuo para a Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, que foi contemplada com três bolsas de Iniciação Científica BIC - Júnior/FECITEC/UFV/CNPq. Tais bolsas são resultado da 8ª FECITEC - Feira de Ciências, Tecnologia, Educação e Cultura da Universidade Federal de Viçosa – Campus Florestal/MG, ocorrida em 2022, que premiou os estudantes de nossa escola. Os discentes, colaboradores na presente obra, sob a orientação dos professores Alex Sandro Nogueira Silva e Leandro Gonçalves de Rezende, receberam a bolsa de iniciação científica júnior, cujo objetivo foi despertar a vocação científica e incentivar os educandos do Ensino Fundamental, Médio e Profissional a trabalhar as habilidades necessárias nas atividades de pesquisa científica ou tecnológica.

Esta publicação é o resultado de diversas pesquisas, e um presente para o município de Florestal que, no ano de 2023, completou seus 60 anos de emancipação política, repletos de histórias e memórias.

